

Comissão Permanente Inter-Anglicana de Unidade, Fé e Ordem (IASCUFO)

**As propostas de Nairobi-Cairo:  
Renovando os Instrumentos da Comunhão Anglicana**

Em conformidade com a Resolução 3(a) da ACC-18

Advento 2024

# ÍNDICE

<b>Prefácio.....</b>	<b>3</b>
<b>Composição da IASCUFO.....</b>	<b>5</b>
<b>Sumário Executivo .....</b>	<b>6</b>
<b>I. Introdução .....</b>	<b>8</b>
Objetivo deste documento (§§1-5) .....	8
Eventos recentes na Comunhão Anglicana (§§6-8) .....	9
Principais questões abordadas no presente documento (§§9-10) .....	10
<b>II. Lambeth Conference de 1930: Ideais da fé e da ordem anglicanas(§§11-14) .....</b>	<b>11</b>
Uma fé e uma ordem (§15) .....	12
Ideais de unidade (§§16-21) .....	12
Interesse na conciliaridade (§22) .....	14
Olhando para o futuro (§23) .....	14
<b>III. As Marcas da Igreja (24) .....</b>	<b>15</b>
(1) A unidade da Igreja .....	15
Um corpo de Cristo (§§25-27) .....	15
Divisões anglicanas (§§28-30) .....	16
Graus de comunhão (§§31-34) .....	17
Abrindo espaço uns para os outros (§§35-39) .....	19
(2) A santidade da Igreja .....	21
Santos e inculpáveis (§40) .....	21
Divisões anglicanas (§§41-43) .....	21
Caminhar juntos à distância (§§44-48) .....	22
(3) A catolicidade da Igreja .....	23
Ortodoxia católica (§49) .....	23
Agostinianismo anglicano (§§50-53) .....	24
Comunhão diferenciada (§§54-57) .....	25
(4) A apostolicidade da Igreja .....	27
Fundação apostólica (§§58-59) .....	27
Variabilidade estrutural da Comunhão Anglicana (§§60-63) .....	27
Livre associação na comunhão (§§64-71) .....	29
<b>IV. Principais propostas deste documento (§72) .....</b>	<b>32</b>
Primeira Proposta: Revisão da descrição da Comunhão (§§73-81) .....	32
Segunda proposta: Liderança ampliada dos Instrumentos (§§82-89) .....	35
<b>V. Sugestões para Próximos Passos (§§90-98) .....</b>	<b>37</b>
<b>VI. Conclusão (§§99-101) .....</b>	<b>41</b>
<b>Apêndice: Descrição atualizada da Comunhão Anglicana .....</b>	<b>43</b>

## Prefácio

Pelo Rev.mo Dr. Graham Tomlin  
Presidente da Comissão Permanente Inter-Anglicana sobre Unidade, Fé e  
Ordem

A história da Comunhão Anglicana é um capítulo notável na história da graça de Deus e da recente propagação do evangelho. Qualquer relato do Cristianismo mundial nos últimos dois séculos deve incluir o desenvolvimento do que hoje é uma presença eclesial Anglicana em 165 países.

Uma parte crucial dessa história é o lugar da Sé de Cantuária e a rica herança que ela representa. Todos os/as Anglicanos/as compartilham o evangelho de Jesus Cristo, que pelas Ilhas Britânicas foi tanto herdado quanto legado, florescendo, pela graça de Deus, em todo o mundo. À medida em que a Comunhão cresceu e amadureceu e as relações entre diferentes igrejas pares e autônomas se desenvolveram em novas redes e conexões, todas as igrejas-membro passaram a se considerar irmãs.

Nas últimas décadas, no entanto, os laços de unidade dentro da Comunhão Anglicana foram esticados e tensionados em meio a profundas discordâncias com relação à ordenação ministerial de mulheres dentro da Igreja e, mais recentemente, questões sobre identidade e sexualidade humanas. A unidade da Igreja sempre precisa ser defendida, como atesta o Novo Testamento e nossa própria experiência. Isso significa lidar com as divisões que surgem entre nós com honestidade e caridade.

Há uma perspectiva real de fragmentação, ou até mesmo de dissolução, da Comunhão nos próximos anos se não dermos atenção urgente às questões de eclesiologia: os contornos da comunhão, os limites da diversidade e os meios de perseverar juntos em meio à divisão.

A Comissão Permanente Inter-Anglicana sobre Unidade, Fé e Ordem (IASFUCO) é um dos principais foros onde a Comunhão Anglicana desenvolve sua reflexão teológica e eclesiológica. A IASCUFO é uma comissão permanente da Comunhão Anglicana que se reporta aos Instrumentos da Comunhão. Sua função é aconselhar os Instrumentos e as igrejas-membro sobre questões de doutrina, eclesiologia, liturgia, direito canônico e relações ecumênicas.

Seus atuais membros são um grupo amplo e representativo, envolvendo membros de diferentes partes da África, Ásia, América do Sul e do Norte, Europa e Austrália. Conforme se descreverá no relatório abaixo, esse documento representa quase dois anos de trabalho da Comissão. Em dezembro de 2022, a IASCUFO se reuniu para seu encontro anual em Limuru, Quênia, no qual discutimos a se era algo desejável desenvolver um trabalho que buscasse averiguar como poderíamos abordar nossas diferenças e divisões na Comunhão Anglicana de forma teológica e eclesiologicamente fiel. Essa proposta foi levada ao ACC em Gana em fevereiro de 2023, quando a Comissão recebeu o encargo de produzir uma nova análise de “estruturas e tomadas de decisões para ajudar a tratar nossas diferenças na Comunhão Anglicana” (ACC-18, res. 3(a)).

Ao assumir esse trabalho, a IASCUFO foi solicitada a levar adiante o Chamado de Lambeth sobre a Identidade Anglicana (da Lambeth Conference de 2022), que nos instou a revisar os Instrumentos da Comunhão de forma a responder às duas perguntas do Chamado: “Até que ponto os Instrumentos são adequados para a finalidade a que se prestam? Até que ponto alguns (ou todos) os Instrumentos podem ser reconfigurados para servir à Comunhão de hoje e do

futuro?” (§3.3). Por sua vez, a IASCUFO também herdou o relatório de um Grupo de Trabalho do Comitê Permanente do ACC que propôs uma nova abordagem sinodal para os Instrumentos da Comunhão, com atenção especial ao lugar das lideranças leigas na Igreja (retomando outros temas dos Chamados de Lambeth de 2022).

Um subgrupo da IASCUFO se envolveu nos estágios iniciais do projeto. Esse grupo se reuniu inicialmente on-line, e depois pessoalmente em Nairóbi (Quênia) em setembro de 2023. O documento resultante passou por várias versões preliminares, e foi o principal item na agenda da reunião anual da Comissão no Cairo em dezembro de 2023. Por sua vez, uma série de pessoas de fora da Comissão com ampla experiência em discussões inter-anglicanas e ecumênicas comentadas no documento. Uma próxima minuta foi apresentada ao Primates' Meeting (Encontro de Primazes) em Roma, em abril/maio de 2024, que dedicou quatro sessões ao documento. Desde então, a IASCUFO trabalhou com o Comitê Permanente de Primazes, o Arcebispo de Cantuária e todo o Comitê Permanente do ACC para refinar as principais propostas do documento, que compõem a seção IV.

As diversas contribuições que recebemos refletiram a amplitude de perspectivas que podem ser encontradas na Comunhão Anglicana sobre as questões que nos dividem e a composição de nossa própria Comissão reflete a mesma amplitude. Dessa forma, em nossas reuniões procuramos falar francamente, assim como proteger a consciência uns dos outros(as) e cultivar uma caridade paciente no discernimento dos próximos passos fiéis. Todos juntos e juntas, apresentamos o seguinte documento como o produto de profunda escuta e honestidade em meio a diferenças teológicas e culturais. Ele propõe um caminho a seguir que todos os membros da Comissão têm a chance de contribuir para construir. Sou grato aos membros da Comissão pela generosidade de espírito e pela resiliência que trouxeram para nossas discussões.

O documento propõe mudanças aparentemente insignificantes — porém significativas — na maneira como trabalhamos e nos entendemos como Comunhão. Ele descreve como acreditamos que essas mudanças refletem fielmente o espírito da discussão anglicana sobre essas questões e como estas apresentam uma resposta natural e saudável ao crescimento e à natureza mutável da Comunhão. Sou particularmente grato à equipe do *Anglican Communion Office* (Escritório da Comunhão Anglicana) pelo trabalho árduo que fizeram para organizar nossas reuniões, ajudar na elaboração de documentos e manter o trabalho em andamento.

Uma série de colegas nos ajudou ao longo do caminho. O Rev. Jack Lindsay, doutorando na Universidade de Aberdeen, nos forneceu um documento útil sobre a unidade batismal. Muitas outras pessoas — um número grande demais para mencionar aqui — ofereceram seus conselhos e sabedoria, o que melhorou enormemente o produto final.

Após haver engajado todos os Instrumentos de Comunhão, conforme solicitado pelo ACC-18, (res. 3(a)), propomos este documento para consideração da Comunhão mais ampla e de nossos colegas ecumênicos/as, em preparação para o ACC-19, em 2026. Oramos para que o Espírito Santo guie todos aqueles encarregados de levar adiante essas propostas, e para que possam nos ajudar, como Comunhão, a falar com honestidade em caridade uns com os outros, e para que promovam a unidade da Igreja pela qual nosso Senhor orou. Também oramos para que o resultado das discussões subsequente a essa proposta ajude a preparar a Comunhão Anglicana para a próxima fase de sua missão no mundo: um mundo que, como sempre, precisa urgentemente do evangelho de Jesus Cristo e da sabedoria da fé cristã.

## Composição da IASCUFO

Rev.mo Dr. Graham Tomlin, Presidente (Inglaterra)  
Rev.mo Dr. Steven Abbarow (Malásia)  
Rev.mo Dr. Georges Titre Ande (Congo)  
Dr. Joanildo Burity (Brasil)  
Rev.mo Dr. Titus Chung (Singapura)  
Rev.mo. Dr. Dalcy Badeli Dlamini (Essuatíni)  
Rev.mo Dr. Joseph Galgalo (Quênia)  
Rev. Dra. Margaret Kalaiselvi (Índia)  
Rev.mo Dr. Paul Korir (Quênia)  
Rev. Jeanne Françoise Ndimubakunzi (Burundi)  
Rev. Dr. John Rogers (Barbados)  
Sr. Carlos Romero (Chile, membro do ACC)  
Rev.ma Dra. Sarah Rowland Jones (País de Gales)  
Rev.mo Joseph Royal (Canadá)  
Rev.mo Dr. Samy Shehata (Egito)  
Rev. Dra. Katherine Sonderegger (Estados Unidos da América)  
Rev.mo Eugene Sutton (Estados Unidos da América, membro do ACC)  
Rev.mo. Dr. Richard Treloar (Austrália)

Rev. Dr. Andrew Atherstone, *Consultor* (Inglaterra, membro do ACC)  
Rev. Dr. Nak-Hyon Joseph Joo, *Consultor da IALC* (Coreia do Sul)  
Cônego Andrew Khoo, *Consultor* (Malásia, membro do ACC e do Comitê Permanente)  
Sr. Darren Oliver, *Consultor* (Inglaterra, assessor jurídico do ACC)  
Rev.mo. Cônego Sammy Wainaina, *Observador* (Lambeth Palace)

*Equipe do Anglican Communion Office* (Escritório da Comunhão Anglicana, ACO)  
Rev.mo. Anthony Poggo, Secretário-Geral  
Rev. Dr. Cônego Stephen Spencer, Conselheiro para Educação Teológica  
Dr. Paulo Ueti, *Consultor*  
Rev. Neil Vigers, Executivo do Programa para Unidade, Fé e Ordem  
Cônego Dr. Christopher Wells, Diretor de Unidade, Fé e Ordem

## Sumário Executivo

**Seção I** - apresenta o objetivo e as principais questões do presente documento. A Comissão Permanente Inter-Anglicana de Unidade, Fé e Ordem (IASCUFO) foi solicitada durante a 18ª reunião do Conselho Consultivo Anglicano (*Anglican Consultative Council, ACC*), em fevereiro de 2023, a reexaminar as estruturas e tomadas de decisões na Comunhão Anglicana para ajudar a resolver nossas diferenças e desacordos. Esse estudo da IASCUFO, segundo o ACC-18, deveria afirmar a importância de se buscar uma caminhada unida, no mais alto grau possível, e de se aprender por meio de nossos diálogos ecumênicos a acomodação de diferenças com paciência e respeito. A IASCUFO deve apresentar um relatório aos Instrumentos. O documento a seguir foi preparado para o Primates' Meeting de abril de 2024 e posteriormente revisado com o Comitê Permanente do ACC. Nós o publicamos agora como uma oferta a toda a Comunhão e em auxílio ao planejamento do ACC-19.

Vários acontecimentos deram ainda mais urgência ao trabalho da IASCUFO, a saber, as ações do Sínodo Geral e da Casa dos/as Bispos/as da Igreja da Inglaterra e as respostas da Global South Fellowship of Anglican Churches (Fraternidade das Igrejas Anglicanas do Sul Global – GSFA) e outras, em um contexto de tensões já estabelecidas. Esses desenvolvimentos ajudaram a IASCUFO a aprimorar e ampliar suas principais questões, às quais correspondem as propostas deste documento:

- a. Como devemos pensar sobre a fé e a ordem da Comunhão Anglicana, tendo em vista as discordâncias e divisões que persistem entre nossas igrejas e dentro delas? Se não podemos, no momento, reconhecer-nos mutuamente de forma plena, como podemos falar honesta e diretamente sobre isso no caminho para discernir os próximos passos?
- b. Se uma cultura colonial anacrônica ainda molda aspectos da Comunhão Anglicana e suas estruturas, há ajustes que podem ser feitos para promover a igualdade, a mutualidade e o florescimento mais sustentados de todas as igrejas-membro?

**Seção II** - relembra a resolução histórica da Lambeth Conference de 1930, que descreveu a “natureza e o status da Comunhão Anglicana”. A resolução está repleta de um idealismo que o presente documento deseja, por sua vez, receber, rearticular e, de várias maneiras, revisar. A resolução centralizou a comunhão das igrejas Anglicanas na “Sé de Cantuária”, isto é, na Igreja da Inglaterra, mas olhava para todo o mundo cristão na esperança de chegar a um acordo sobre a fé e a ordem da Igreja única. Pressupondo a noção anterior de “adaptação local” no Quadrilátero da Lambeth Conference de 1888, a conferência de 1930 também se baseou no “Chamado a todo o povo cristão” de dez anos antes. Argumentaremos na seção IV que a descrição precisa ser atualizada, a serviço de uma compreensão descentralizada e policêntrica da missão da Igreja. Mas a convocação de 1930 para a catolicidade e a apostolicidade, para a expressão local da vida cristã e para o conselho comum a serviço de uma “fraternidade visivelmente unida” mais ampla de todos os Cristãos e igrejas continua sendo inspiradora e digna do chamado de Deus à Igreja para um acordo santo.

**Seção III** - de acordo com o anterior, rearticula essa mesma vocação do Anglicanismo, fazendo referência às quatro antigas marcas da Igreja como uma, santa, católica e apostólica.

- Tal como existe apenas *um* corpo de Cristo, a Igreja não pode ser separada, apesar de as divisões Cristãs ocasionarem feridas. Nesse contexto, buscar o “mais alto grau de comunhão possível” significa que tanto aceitar com gratidão o que é compartilhado quanto falar honestamente sobre diferenças e discordâncias. As igrejas anglicanas podem concordar em muitos aspectos da fé e da ordem e, ao mesmo tempo, acomodar graus de dissenso um espírito de paciência.
- O chamado à *santidade* ou sacrossantidade na Igreja nos ajuda a reconhecer a natureza escandalosa das disputas e divisões Anglicanas em relação ao casamento e à

sexualidade e deve nos inspirar a encontrar soluções fidedignas. As Escrituras Sagradas estabelecem uma expectativa correta de discurso verdadeiro e amor sustentado, fundamentada na promulgação da reconciliação por Cristo. Todas as partes e lados têm responsabilidade nisso.

- A amplitude visível e a capacidade de reconhecimento estrutural da Igreja *Católica* ao longo de tempo e lugar pressupõem uma articulação da fé ortodoxa que preserva uma diversidade adequada. Os compromissos de Santo Agostinho de Hipona com os donatistas nos séculos IV e V estabeleceram uma doutrina correta, que deve ser lembrada e defendida. Agostinho (e Richard Hooker depois dele) insiste tanto na prioridade de se discernir a verdade quanto na necessidade de contestação e argumentação na Igreja. Deus ordenará e aperfeiçoará a Igreja no final, mas não antes.
- Desde o início, a Comunhão Anglicana tem procurado receber e transmitir a fé e a missão *apostólicas* da Igreja em parceria com outros Cristãos e igrejas, devidamente sintonizada com seus dons e variedade. O testemunho da Igreja em tempos de divisão profunda exige que se trabalhe em formas de unidade dentro da discordância. A livre associação possibilitou relações de plena comunhão entre uma ou mais igrejas anglicanas e igrejas fora da Comunhão, bem como o estabelecimento de Igrejas Unidas. Redes de preocupação compartilhada, grupos regionais e coalizões com foco doutrinário, tudo isso encontrou seu lugar. Esses grupos sustentam suas próprias iniciativas, enriquecem o compartilhamento das igrejas irmãs da Comunhão Anglicana e têm potencial para promover vínculos mais fortes em todo o Cristianismo global.

**Seção IV** - apresenta duas propostas principais para a consideração dos Instrumentos da Comunhão, especialmente antes do ACC-19 em 2026. Desenvolvidas em conversas entre a IASCUFO e o Comitê Permanente da ACC (que incorpora o Comitê Permanente de Primazes e o Arcebispo de Cantuária), as propostas sugerem mudanças na conceituação e organização da Comunhão Anglicana e de seus Instrumentos para levar em conta as mudanças do último século e incentivar um compartilhamento máximo na liderança que reflita nossa identidade e nossos ideais.

A primeira proposta oferece uma revisão restrita da resolução 49 da Lambeth Conference de 1930, que busca preservar sua cristalização dos compromissos Anglicanos fundamentais. (a) Buscando defender e propagar a fé e a ordem Católica e Apostólica (b) como uma expressão local da fé, vida e adoração cristãs em cada um de seus territórios, (c) as igrejas da Comunhão Anglicana estão unidas por meio de sua herança compartilhada, serviço mútuo, aconselhamento partilhado em diálogo e conexão histórica com a Sé de Cantuária, por meio da qual buscam, de forma interdependente, promover o mais alto grau de comunhão possível.

A segunda proposta sugere ampliar a forma como as reuniões dos Instrumentos da Comunhão são chamadas, convocadas, presididas e presididas, a fim de diversificar a face dos Instrumentos da Comunhão. Propomos (a) uma presidência rotativa do Conselho Consultivo Anglicano entre as cinco regiões da Comunhão, eleita entre os membros do Primates' Meeting pelo mesmo; e (b) um papel mais importante para o Comitê Permanente de Primazes na chamado e convocação tanto dos Primates' Meetings e da Lambeth Conference. Prescindir da expectativa de que o Arcebispo de Cantuária convoque e presida todas as reuniões da Comunhão permitirá que os aspectos pessoais e pastorais do ministério do arcebispo sejam comunicados e recebidos, e isso se encaixa com a identidade e os ideais da Comunhão Anglicana em uma era pós-colonial. A liderança da Comunhão deve se parecer com a Comunhão.

**Seção V** - analisa as propostas anteriores, juntamente com sugestões complementares relativas a cada um dos Instrumentos da Comunhão. **Seção VI** - apresenta uma breve conclusão.

# AS PROPOSTAS DE NAIRÓBI-CAIRO

## Renovando os Instrumentos da Comunhão Anglicana

Sejam completamente humildes e dóceis, e sejam pacientes, suportando uns aos outros com amor. Façam todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, assim como a esperança para a qual vocês foram chamados é uma só; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo (...) O propósito é que não sejamos mais como crianças, levados de um lado para outro pelas ondas, nem jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina (...) Antes, seguindo a verdade em amor, crescemos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. Ef. 4:2-5, 14-15

### I. Introdução

#### *Objetivo deste documento*

1. A história da Comunhão Anglicana é a história do surgimento de uma família de igrejas, de forma geral nascidas de uma ancestral comum na Inglaterra, marcada por uma herança compartilhada tanto da Reforma Protestante quanto de um patrimônio ocidental e católico que a precede. O Acordo Elizabetano estabeleceu para a Igreja da Inglaterra uma amplitude de espiritualidade e teologia dentro de um padrão normativo de oração e uma unidade assumida de fé e ordem, que juntos definiram os termos da identidade anglicana que viria a surgir. A era da Comunhão Anglicana, que data da primeira Lambeth Conference de 1867, surgiu junto com um movimento providencial e não planejado de crescimento de explosiva atividade missionária, movimento para o qual a Comunhão buscou e busca continuamente desenvolver estruturas de apoio ao mesmo tempo em que protege a autonomia de suas igrejas-membro.
2. O presente documento foi escrito em um momento difícil na vida da Comunhão Anglicana. Muitas pessoas se perguntam se as igrejas da Comunhão podem continuar juntas em família em meio não apenas a uma grande diversidade, mas também a profundas divergências e divisões. Outras se perguntam se resquícios pouco desejáveis do colonialismo ainda se agarram às estruturas da Comunhão, e talvez precisem ser corrigidos. As perguntas e preocupações são legítimas e compreensíveis. Como tais, merecem atenção cuidadosa.
3. A IASCUFO propôs que a 18ª reunião do Conselho Consultivo Anglicano (a ACC-18, realizada em Acra, na Gana, em fevereiro de 2023) incluísse uma reexploração de “estruturas e tomadas de decisões para ajudar a tratar nossas diferenças na Comunhão Anglicana”. Essa exploração buscaria afirmar “a importância de buscar o caminhar juntos no mais alto nível possível e aprender, por meio de nossos diálogos ecumênicos, como acomodar as diferenças com paciência e respeito”. Essa proposta foi recebida e acolhida pelo ACC-18 em uma resolução que solicita à IASCUFO que “prossiga com esse trabalho e relate seu progresso aos Instrumentos da Comunhão”, incluindo “quaisquer propostas que possam impactar a constituição do ACC”<sup>1</sup>. Uma versão anterior do presente documento foi preparada para o

---

<sup>1</sup> ACC-18, Resolução 3(a), *Good Differentiation* (Bom Discernimento), disponível on-line. A resolução diz, na íntegra: “O Conselho Consultivo Anglicano: 1. Acolhe com satisfação a proposta da Comissão Permanente Inter-Anglicana de Unidade, Fé e Ordem (IASCUFO) de explorar questões teológicas relativas a estruturas e tomadas de decisões para ajudar a tratar nossas diferenças na Comunhão Anglicana; 2. Afirma a importância de buscar o caminhar juntos no mais alto nível possível e aprender, por meio de nossos diálogos ecumênicos, como acomodar as diferenças com paciência e respeito; 3. Solicita à IASCUFO que todas as propostas que possam afetar a



Primates' Meeting de abril de 2024. Ele foi revisado em debates, sucessivamente, com o Comitê Permanente de Primazes e o Arcebispo de Cantuária, e com todo o Comitê Permanente do ACC. Nós o publicamos agora como uma oferta à Comunhão mais ampla e aos nossos colegas ecumênicos/as, em preparação para o ACC-19, em 2026.

4. Nas páginas seguintes, argumentaremos que uma reavaliação da lógica da vida anglicana em conjunto e dos Instrumentos da Comunhão que compartilhamos se faz necessário no contexto das divisões atuais e é consistente com os compromissos e ideais de longa data<sup>2</sup>. Fazer esta reavaliação exigirá um diálogo contínuo sobre a base teológica de nossas igrejas: um diálogo fundado nas Sagradas Escrituras, nutrido por nossa vida sacramental e estabelecido em nossos formulários, livros de oração, cânones e acordos ecumênicos. Além disso, este diálogo deve demonstrar um caráter de humildade, gentileza, paciência e tolerância, qualidades resumidas na Epístola aos Efésios como “seguir a verdade em amor” (Ef. 4). Sem esses hábitos e virtudes, não podemos esperar ouvir Deus nem chegar a um acordo sobre a verdade do Evangelho. Neste contexto, o presente documento terá como foco delinear o caráter e padrão sob o qual as pessoas Anglicanas poderão, pela graça de Deus, conseguir persistir nos próximos anos com discernimento teológico. Também proporemos vários ajustes específicos aos Instrumentos, além de uma atualização da descrição da Comunhão Anglicana que vigora desde a resolução histórica da Lambeth Conference de 1930.
5. O presente documento e suas propostas devem ser lidos não como um ponto final, mas como o início de um novo diálogo. Oferecemos nossas sugestões de próximos passos para os quatro Instrumentos da Comunhão para sua consideração e resposta sábia. Oramos para que Deus em Cristo, pelo poder do Espírito Santo, empodere a Comunhão Anglicana, e todos os cristãos e cristãs e igrejas, a discernir, receber e articular em união a fé da Igreja una, santa, católica e apostólica, para que o mundo possa crer.

#### *Eventos recentes na Comunhão Anglicana*

6. Ao longo dos últimos anos de reuniões, oração, discussões, pesquisas e redações de minutas, vários eventos ocorrem em tempo real que deram mais urgência ao trabalho da IASCUFO. Imediatamente antes da ACC-18, a reunião de fevereiro de 2023 do Sínodo Geral da Igreja da Inglaterra, por meio de seu processo *Living in Love and Faith*, acolheu o trabalho da Casa dos Bispos e as propostas para um conjunto de “Orações de Amor e Fé” que incluiria orações de bênção para pessoas em uniões entre pessoas do mesmo sexo. Em dezembro de 2023, a Casa dos Bispos elogiou formalmente as Orações de Amor e Fé. As reuniões subsequentes do Sínodo Geral deram continuidade à reflexão sobre o que poderia significar permitir que casais de pessoas do mesmo sexo recebam a bênção de Deus e, ainda preservar a doutrina tradicional da Igreja da Inglaterra sobre o casamento. Ainda carecem de resolução questões relacionadas ao ensino e à disciplina para clérigos e clérigas em relacionamentos comprometidos com pessoas do mesmo sexo, além da questão de se é necessário algum acordo estrutural para acomodar novos graus de distância entre grupos dentro da Igreja da Inglaterra.

---

constituição do ACC sejam levadas para discussão completa na ACC-19; e 4. Solicita à IASCUFO que prossiga com esse trabalho e informe seu progresso aos Instrumentos da Comunhão”.

<sup>2</sup> Tomamos como ponto de partida e referência constante para nosso trabalho o artigo de pesquisa publicado pela IASCUFO *Towards a Symphony of Instruments: A Historical and Theological Consideration of the Instruments of Communion of the Anglican Communion* (Rumo a uma Sinfonia de Instrumentos: Uma Consideração Histórica e Teológica dos Instrumentos da Comunhão da Comunhão Anglicana) (Londres: ACC, 2015), disponível on-line. Nós nos baseamos nesse documento — e, em alguns casos, desviamos dele — para oferecer um relato teológico da diferenciação-em-comunhão, conforme o mandato do presente documento (ver nota anterior) e para propor vários ajustes aos Instrumentos da Comunhão.

7. Inúmeras respostas ao Sínodo Geral da Igreja da Inglaterra surgiram de vários setores da Comunhão. De especial importância para os propósitos do presente documento foi a “Declaração da Quarta-feira de Cinzas” da *Global South Fellowship of Anglican Churches* (“Fraternidade das Igrejas Anglicanas do Sul Global” ou GSFA), assinada por 10 primazes de igrejas da Comunhão. Como escreveram os primazes da GSFA, “a Igreja da Inglaterra optou por romper comunhão com as províncias que permanecem fiéis à fé bíblica histórica expressa nos formulários anglicanos”. Como resultado, a GSFA “não pode mais reconhecer o atual Arcebispo de Cantuária como o líder ‘primeiro entre pares’ da Comunhão global”<sup>3</sup>.
8. A GSFA já havia publicado sua *Covenantal Structure* (“Estrutura do Pacto”) em 2019 (revisada em 2021) como um plano para a intensificação da comunhão entre as igrejas do Sul Global e dentro delas<sup>4</sup>. Como o texto enfatiza, a Estrutura não pretende ser uma alternativa à Comunhão mais ampla e seus instrumentos. Em vez disso, ela estabelece um meio voluntário de articular a fé e a ordem das igrejas do Sul Global, tanto como afirmação de sua convicção quanto como testemunho e encorajamento para a Comunhão mais ampla. Em seu relatório para o ACC-18, a IASCUFO escreveu que a “Estrutura do Pacto proposta pela Fraternidade das Igrejas Anglicanas do Sul Global... merece cuidadosa consideração”<sup>5</sup>.

### *Principais questões abordadas no presente documento*

9. Esses eventos ajudaram a IASCUFO a tanto delimitar quanto ampliar o que considera serem as principais questões que as igrejas da Comunhão Anglicana devem considerar; questões que anglicanos e anglicanas vêm tratando, em graus variados, desde 1867, e que finalmente só podem ser respondidas em Cristo e em seu evangelho.
  - a. Como devemos pensar sobre a fé e a ordem da Comunhão Anglicana, tendo em vista as discordâncias e divisões que persistem entre nossas igrejas e dentro delas? Se não podemos, no momento, reconhecer-nos mutuamente de forma plena, como podemos falar honesta e diretamente sobre isso no caminho para discernir os próximos passos?
  - b. Se uma cultura colonial anacrônica ainda molda aspectos da Comunhão Anglicana e suas estruturas, há ajustes que podem ser feitos para promover a igualdade, a mutualidade e o florescimento mais sustentados de todas as igrejas-membro?
10. A IASCUFO vê essas questões como distintas e interligadas. Juntas, elas moldaram os interesses e argumentos delineados nas páginas seguintes e inspiraram as propostas que apresentamos nas seções finais. Como procuraremos mostrar, ambas as questões se

---

<sup>3</sup> *Ash Wednesday Statement of GSFA Primates on the Church of England's Decision Regarding the Blessing of Same Sex Unions* (Declaração de Quarta-Feira de Cinzas dos Primazes da GSFA sobre a decisão da Igreja da Inglaterra com relação à bênção de uniões entre pessoas do mesmo sexo, 13 de fevereiro de 2023). Para uma resposta semelhante em um registro diferente, ver as duas cartas pastorais dos quatro bispos do Sudeste Asiático (de 18 de fevereiro de 2023 e 1º de março de 2024), a última das quais reconhece “que, devido aos recentes acontecimentos, o relacionamento de nossa província com a Igreja da Inglaterra entrou em um estado frágil”. A carta continua com o comentário de “que muitas pessoas na Igreja da Inglaterra permanecem fiéis às Escrituras”. Devemos e precisamos manter nosso relacionamento com essas pessoas crentes ortodoxas e continuar a orar e apoiá-los durante esse período desafiador. Ao mesmo tempo, declaramos com veemência nossa desfiliação daquelas pessoas que a apoiam.” Todas disponíveis on-line.

<sup>4</sup> Fraternidade das Igrejas Anglicanas do Sul Global (GSFA), *A Covenantal Structure for the Global South Fellowship of Anglican Churches* (Uma Estrutura do Pacto para a Fraternidade das Igrejas Anglicanas do Sul Global, 2021), disponível on-line.

<sup>5</sup> IASCUFO, *A proposal to the ACC from the Inter-Anglican Standing Commission on Unity, Faith and Order* (Proposta para a ACC da Comissão Permanente Inter-Anglicana sobre Unidade, Fé e Ordem), apresentada à ACC-18 (fevereiro de 2023), disponível on-line.

vinculam ao caráter histórico da Comunhão Anglicana, que continuou a evoluir e buscou articular uma visão de seu propósito que permanece convincente e digna de nosso compromisso coletivo.

## II. Lambeth Conference de 1930: Ideais da fé e da ordem anglicanas

11. No processo de identificar estas questões chave, a IASCUFO retornou à descrição histórica da “natureza e status da Comunhão Anglicana” adotada por resolução da Lambeth Conference de 1930. Todos os debates sobre a identidade anglicana desde 1930 retornaram, explícita ou implicitamente, a essa resolução, o que conferiu a ela uma autoridade de fato. Nenhuma outra declaração tomou seu lugar<sup>6</sup>.
12. A resolução nota a “comunhão” compartilhada de todas as dioceses, províncias e igrejas regionais anglicanas “com a Sé de Cantuária”, ali interpretada como uma plenitude de fé e vida compartilhadas, herdadas e centralizadas na Igreja da Inglaterra<sup>7</sup>. Ela definiu a expectativa de que as igrejas anglicanas em todo o mundo devem “defender e propagar a fé e a ordem católica e apostólica conforme geralmente estabelecidas no Livro de Oração Comum e conforme autorizado em suas diversas igrejas”. E, devidamente notando a particularidade ou a autonomia das igrejas anglicanas, bem como o fato de que não há “uma autoridade central legislativa e executiva” na Comunhão Anglicana, os bispos e bispas de então buscaram a “lealdade mútua sustentada pelo aconselhamento partilhado” surgido de seus próprios diálogos<sup>8</sup>.
13. O ideal dessa resolução de 1930 tem servido bem à Comunhão Anglicana e, de muitas maneiras, impulsionou o movimento em direção a um esperado maior grau de “responsabilidade mútua e interdependência”, na famosa frase do Congresso de Toronto de 1963<sup>9</sup>. Após a fundação do *Anglican Consultative Council* (“Conselho Consultivo Anglicano”, ou ACC) em 1968 e do *Primates’ Meeting* em 1978, a Lambeth Conference 1988 voltou-se mais uma vez para a questão das estruturas da Comunhão, valendo-se então de duas comissões permanentes inter-anglicanas (sobre doutrina e ecumenismo) para assumir e avançar este trabalho. Os relatórios *Virginia Report* (1997) e *Windsor Report* (2004), assim como o Pacto da Comunhão Anglicana (2009), todos

---

<sup>6</sup> Lambeth Conference 1930, Resolução 49. Todas as resoluções da Lambeth Conference estão disponíveis on-line em [anglicancommunion.org](http://anglicancommunion.org). Para exemplos recentes da aplicação dessa resolução, ver Comissão de Lambeth para a Comunhão, *The Windsor Report* (Relatório Windsor; Londres: ACC, 2004; disponível on-line), §48; *Anglican Communion Covenant* (Pacto da Comunhão Anglicana, 2009; disponível on-line), §3.1.2; GSFA, *Covenantal Structure* (Estrutura do Pacto), §§1.1, 3.6. Ver Grupo de Trabalho de Primazes, *The Gift, Call and Challenge of Communion* (A Dádiva, o Chamado e o Desafio da Comunhão, 2023; disponível em [anglicancommunion.org](http://anglicancommunion.org)), §24, para uma revisão não citada da resolução 49 que segue uma linha semelhante à que proporemos abaixo.

<sup>7</sup> Lambeth Conference 1930, Resolução 49, lida junto com a primeira frase da carta encíclica da Lambeth Conference de 1930 (idêntica à primeira frase da carta encíclica da Lambeth Conference de 1920): “Nós, arcebispos e bispos da Santa Igreja Católica, em plena comunhão com a Igreja da Inglaterra, (...) reunidos de diversas partes do mundo em Lambeth...” (grifo nosso). Ver *The Lambeth Conference 1930: Encyclical Letter from the Bishops, with Resolutions and Reports* (Carta Encíclica dos Bispos e Bispas com Resoluções e Relatórios; Londres: SPCK, 1930); disponível on-line em [anglicanhistory.org](http://anglicanhistory.org).

<sup>8</sup> *Ibid.* A resolução imediatamente anterior, isto é, Resolução 48 da Lambeth Conference de 1930, afirmava “que a verdadeira constituição da Igreja Católica envolve o princípio da autonomia de Igrejas particulares baseada em uma fé e ordem comuns”.

<sup>9</sup> Congresso Anglicano de Toronto, *Mutual Responsibility and Interdependence in the Body of Christ* (Interdependência e Responsabilidade Mútua no Corpo de Cristo; 1963), disponível on-line. Escrita como uma espécie de manifesto, a breve declaração perguntava “se nossas estruturas são adequadas ao nosso mundo e à igreja como ela é e, se não forem, como elas devem ser mudadas”. Ver Lambeth Conference 1968, Resolução 67; ACC-12, Resolução 34.

propuseram medidas na esperança de rearticular e aprofundar um consenso anglicano sobre a fé e a ordem católica e apostólica.

14. Os últimos cem anos de vigorosa reflexão anglicana sobre o caráter da comunhão assumiram vários dos interesses e ideais da Lambeth Conference de 1930, todos os quais continuam a moldar nossas conversas — mesmo de maneiras que talvez não percebamos. Nomearemos três desses ideais abaixo para ajudar a dar sentido a nossas reflexões subseqüentes sobre as marcas da Igreja e às sugestões sobre os próximos passos.

#### *Uma fé e uma ordem*

15. Vale a pena observar o que pode ou não ser óbvio: As igrejas anglicanas presumiram desde o início que uma determinada fé e ordem estava disponível e poderia ser especificada. A própria vida ordenada da Igreja da Inglaterra serviu de medida para a maioria das igrejas anglicanas nesse aspecto pelo menos até 1930, e ainda é comum ver em muitas constituições de igrejas da Comunhão alguma menção à concordância com a fé da Igreja da Inglaterra, ou a “comunhão com a Sé de Cantuária”<sup>10</sup>. Em termos de doutrina, o Livro de Oração Comum e o Ordinal de 1662 foram preeminentes, enquanto os 39 Artigos serviram como uma conveniente pedra angular da fé anglicana, mesmo quando a aderência formal dos Artigos não era exigida em todos os lugares. A adoção do “Quadrilátero” delineado pela Lambeth Conference de 1888 — Escrituras, Credo Niceno, sacramentos dominicais e “episcopado histórico, adaptado localmente” — tem servido como ponto de referência constante para “partes inerentes”, ou pelo menos, como depositária da “Fé e Ordem confiados por Cristo e seus Apóstolos à Igreja até o fim do mundo”<sup>11</sup>.

#### *Ideais de unidade*

16. Todas as primeiras Lambeth Conferences, cientes como estavam da rápida diversificação da Comunhão e tendo ainda fresco na memória o feito de terem assegurado entendimento mútuo entre as diferentes partes discordantes durante e após a era da Reforma, articularam um interesse e um compromisso com a unidade visível da Igreja<sup>12</sup>.
17. Na prática, isso significava que as declarações anglicanas sobre fé e ordem evitavam dizer mais do que o necessário (para que não fossem erguidos mais obstáculos à reconciliação eclesial) e antecipavam a absorção da Comunhão Anglicana em algo maior e mais abrangente. A Lambeth Conference de 1930 deu testemunho dessa vocação para a unidade quando os bispos e bispas escreveram em sua carta encíclica sobre o “dever de vislumbrar a Igreja una de Cristo como será quando reunida, e de moldar as Igrejas de nossa própria Comunhão para que elas, mesmo agora, se conformem tanto quanto possível com esse ideal, e estejam prontas para assumir seu lugar no seio dele quando se realizar”<sup>13</sup>. Essa linha de pensamento inspirou o acréscimo

---

<sup>10</sup> Ver Alexander Ross, *A Still More Excellent Way: Authority and Polity in the Anglican Communion* (Um Caminho Ainda Mais Excelente: Autoridade e Política na Comunhão Anglicana; Londres: SCM Press, 2020), 96-100.

<sup>11</sup> “Quadrilátero Chicago-Lambeth”, adotado pela Casa dos Bispos da Igreja Episcopal (1886) e Lambeth Conference 1888, Resolução 11, disponível em [anglicancommunion.org](http://anglicancommunion.org). O objetivo do Quadrilátero era incentivar a cooperação com outras comunhões de igrejas “com base em uma Fé e Ordem comuns”. Dessa forma, todas as partes envolvidas poderiam “evitar a cisma” e “curar as feridas do Corpo de Cristo”.

<sup>12</sup> O “Apelo a todo o povo cristão” (Resolução 9) da Lambeth Conference de 1920 continua sendo o monumento mais memorável e influente nesse sentido. Ver Resolução 56 da Lambeth Conference 1948.

<sup>13</sup> Lambeth Conference 1930, Carta Encíclica.

de uma frase final à descrição da Comunhão Anglicana delineada na Resolução 49. Como os bispos e bispas escreveram: “A Lambeth Conference faz esta declaração orando e aguardando ansiosamente pelo momento em que as Igrejas da atual Comunhão Anglicana entrarão em comunhão com outras partes da Igreja Católica não definíveis como anglicanas no sentido acima, como um passo em direção à unidade final de toda a cristandade em uma comunhão visivelmente unida”<sup>14</sup>.

18. Ao fazer essas declarações, os bispos e bispas da Lambeth Conference de 1930 não estavam colocando em dúvida as articulações anglicanas da fé “em sua totalidade”. A fé “é estabelecida no Livro de Oração Comum”. Além disso, todas as igrejas anglicanas “se recusam”, como deveriam se recusar e como faz a Igreja da Inglaterra, “a aceitar qualquer declaração ou prática, como se autoridade fosse, que não seja consistente com as Escrituras Sagradas e com o entendimento e a prática de nossa religião, conforme demonstrado na Igreja indivisa”. Em tudo isso, as igrejas anglicanas “são tanto católicas quanto evangélicas. Essa é, ainda hoje, uma descrição verdadeira dos fatos e ideais da Comunhão Anglicana”<sup>15</sup>.
19. Ao mesmo tempo, os bispos e bispas observaram com interesse que esses mesmos ideais estão provocando uma mudança. Cada Igreja de nossa Comunhão está buscando para fazer por seu país o que a Igreja da Inglaterra fez pela Inglaterra — representar a religião cristã e a fé católica de uma maneira agradável para o povo nativo e dar espaço para sua genialidade no desenvolvimento da vida e da adoração cristãs. À medida que as Igrejas fundadas por nossas Missões na Índia, China, Japão ou África atingirem cada vez mais plenamente esse propósito, elas poderão, de muitas maneiras, tornar-se cada vez menos parecidas umas com as outras e com sua Mãe e, conseqüentemente, cada vez menos anglicanas, embora não menos fiéis à fé e à ordem católicas<sup>16</sup>.
20. Naquele documento, os bispos e bispas usavam o termo “anglicano” com o sentido de inglês ou “anglo-saxão” (como fica claro ao se comparar com uma declaração semelhante da Lambeth Conference de 1920<sup>17</sup>), e o termo *católico* era usado para definir o universal ou antigo — isto é, a “religião como exibida na Igreja indivisa” mencionada acima. Tudo isso foi motivo de comemoração. Como os bispos/as haviam dito dez anos antes, “a bênção que recaiu sobre” o trabalho da Comunhão “levou-a a um novo ponto de vista” conforme “seu centro de gravidade se deslocava”, ou seja, da Inglaterra e do ocidente para partes do sul e do oriente. Dessa forma, a Comunhão Anglicana “apresenta um exemplo em pequena escala dos problemas relacionados à unidade de uma Igreja Universal. Com o passar dos anos, seus ideais devem se tornar menos anglicanos [isto é, menos ingleses] e mais católicos. Ela não deve buscar nenhum vínculo de união que a mantenha unida que não seja dentre aqueles que devem manter unida a própria igreja católica”<sup>18</sup>.

---

<sup>14</sup> Lambeth Conference 1930, Resolução 49. Ver Lambeth Conference 1948, Resolução 74:

<sup>15</sup> Lambeth Conference 1930, Carta Encíclica.

<sup>16</sup> *Ibid.*

<sup>17</sup> “A Comunhão Anglicana de hoje é uma federação de igrejas, algumas nacionais, outras regionais, mas não mais predominantemente anglo-saxônica em raça, e não se pode esperar que ela atribua valor especial às tradições anglo-saxônicas” (Lambeth Conference 1920, *Report of the Committee Appointed to Consider Relation to and Reunion with Other Churches* em *The Six Lambeth Conferences* (Relatório do Comitê designado para considerar a relação e a reunião com outras Igrejas) 1867-1920, ed. Lord Davidson of Lambeth [SPCK, 1929], “Apêndice”, p. 137; disponível on-line em [anglicanhistory.org](http://anglicanhistory.org)).

<sup>18</sup> *Ibid.* A primeira parte desse parágrafo do relatório é uma leitura fascinante à luz das discussões anglicanas contemporâneas: “Na data da primeira Lambeth Conference, em 1867, essa Comunhão tinha assumido a forma de uma federação de igrejas autônomas, mantidas em união, em grande parte sem sanções legais, por uma reverência comum às mesmas tradições e pelo uso comum de um Livro de Oração que, apesar de algumas variações locais, era praticamente o mesmo. Nossos obreiros missionários estavam plantando igrejas entre nações

21. Voltaremos a essa visão surpreendente da identidade anglicana quando abordarmos nossa proposta para atualizar a descrição da Comunhão Anglicana produzida pela Lambeth Conference de 1930. Por enquanto, no entanto, precisamos observar mais uma linha de pensamento nessas primeiras reflexões sobre a vocação do anglicanismo.

#### *Interesse na conciliaridade*

22. Como os bispos e bispas que se reuniram nas sete primeiras Lambeth Conferences tinham uma noção clara dos desafios inerentes ao caminho reconhecidamente idealista que seguiam, estes se propuseram repetidamente a fazer alguns “deveres de casa” sob os títulos de “sínodo” e “concílio”. O Arcebispo de Cantuária havia indicado antecipadamente a natureza estritamente não-sinodal da primeira reunião de bispos/as em 1867. No entanto, os bispos/as se sentiram compelidos a afirmar o princípio de que “a unidade na fé e na disciplina será melhor mantida entre os vários ramos da Comunhão Anglicana pela subordinação devida e canônica dos sínodos dos vários ramos à autoridade superior de um sínodo ou sínodos acima deles”<sup>19</sup>. Da mesma forma, a carta encíclica de 1930, observando a expectativa de “diversidade progressiva dentro da unidade das Igrejas Anglicanas” (e ainda mais quando os projetos ecumênicos em vários lugares começaram a decolar<sup>20</sup>), previu a necessidade de unir a “federação” das igrejas anglicanas com “uma federação maior de igrejas muito menos homogêneas”. Para realizar isso, os “concílios de bispos/as” seriam, como “na antiguidade, ... o órgão apropriado, pelo qual a unidade de Igrejas distantes pode encontrar expressão sem qualquer derrogação de sua legítima autonomia”. Nesse caso, a Lambeth Conference, “com sua estrita adesão a funções puramente consultivas”, talvez pudesse ser vista como um instrumento para “preparar nossas mentes para a participação nos Concílios de uma comunidade maior e mais importante de Igrejas”. Todo aumento desse círculo de comunhão visível aumentaria o poder da Igreja de testemunhar a seu Senhor por meio de sua unidade”<sup>21</sup>.

#### *Olhando para o futuro*

23. Esses ideais podem parecer muito distantes das realidades atuais da Comunhão Anglicana. No entanto, eles estabeleceram os termos para os últimos cem anos de tentativas anglicanas de encontrar mecanismos de acordo, responsabilidade e até mesmo de tomada de decisão provisória. Eles também anteciparam alguns dos desafios que a Comunhão vem enfrentando nesse sentido. Ao nos voltarmos para o restante deste documento para oferecer propostas para o presente e o futuro da família anglicana, será importante lembrar-nos desses aspectos anteriores da fé e da ordem e perguntar como

---

muito diferentes da raça anglo-saxônica e umas das outras, mas até então elas tinham apresentado pouco crescimento. No intervalo entre aquela época e a atual, surgiram igrejas indígenas na China, no Japão, na África Oriental e Ocidental, e em cada uma delas os membros ingleses não passam de um punhado de pessoas estrangeiras e viajantes, algumas em trabalho missionário, outros ali para negócios seculares. Na Índia, a Igreja inclui um grande número de membros britânicos e indianos: o surgimento de uma Igreja Nacional, que reivindica liberdade para regular seus próprios assuntos, é apenas uma questão de tempo.” Ver, analogamente, o Arcebispo Rowan Williams 86 anos depois: *Challenge and Hope of Being an Anglican Today* (Desafio e esperança de ser uma pessoa anglicana hoje) (27 de junho de 2006, disponível on-line).

<sup>19</sup> Lambeth Conference 1867, Resolução 4. Ver Relatório Windsor §102 e sua citação do comentário de Owen Chadwick.

<sup>20</sup> Lambeth Conference 1930, Encíclica: “temos diante de nós a perspectiva de restauração da comunhão com Igrejas que não são, em nenhum sentido, anglicanas. Nossas negociações com a Igreja Ortodoxa e os Antigos Católicos ilustram essa possibilidade em uma direção, e a criação de Igrejas unidas – como a proposta para a Índia – em outra”.

<sup>21</sup> *Ibid.*

eles podem ser vistos hoje. Quais aspectos desses ideais e compromissos do passado podem ser levados adiante no curto prazo, e quais talvez precisem ser deixados de lado por enquanto, ou incorporados a passos fiéis subsequentes pela graça e misericórdia de Deus?

### III. As Marcas da Igreja

24. A Declaração de Assentimento à Igreja da Inglaterra, usada em todas as ordenações e licenciamentos do clero – textos análogos à qual podem ser encontrados em igrejas em toda a Comunhão Anglicana – começa assim: “A Igreja da Inglaterra faz parte da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, adorando o único Deus verdadeiro, Pai, Filho e Espírito Santo.” As igrejas anglicanas e a Comunhão Anglicana nunca afirmaram ser a totalidade da Igreja ou a verdadeira Igreja, mas apenas *parte da* Igreja una, santa, católica e apostólica. Levamos nossa condição de membros da Igreja una com a maior seriedade, dedicando-nos a antigos padrões de ordem e buscando salvaguardar a fé apostólica em nós depositada. Ao mesmo tempo, procuramos colocar nossa identidade eclesial a serviço de um consenso mais amplo e da unidade com todas as pessoas cristãs. Neste esforço para dar sentido às divergências doutrinárias e morais, aos legados históricos, às diferenças culturais e à fragmentação estrutural das pessoas anglicanas, devemos nos lembrar continuamente da unidade, da santidade, da catolicidade e da apostolicidade da Igreja, e buscar servir a essas facetas. Da mesma forma, ao contemplarmos mudanças ou reformas na Comunhão Anglicana, é essencial fazer um mapeamento destas mudanças em relação a estas antigas marcas de nosso credo.

#### (1) A unidade da Igreja

##### *Um corpo de Cristo*

25. A unidade é a primeira e fundamental marca da Igreja, promulgada por Deus em seu Filho Jesus Cristo, o cabeça da Igreja (Ef. 1:22). Há apenas um corpo de Cristo, que não pode ser separado. No entanto, a unidade pode causar feridas, como demonstram dolorosamente as divisões entre cristãos e cristãs e de igrejas. Talvez em nenhum outro lugar esses fatos sobre a unidade sejam mais claros que na Epístola aos Efésios, que afirma que “Há um só corpo e um só Espírito, assim como a esperança para a qual vocês foram chamados é uma só; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos” (Ef. 4:4-6 Deus formou a Igreja em um só corpo; *portanto*, os fiéis são chamados a “conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (4:3).

26. A primeira epístola de São Paulo aos Coríntios apresenta uma visão semelhante de um só corpo e um só Espírito, sacramentados como unidade da fé, e os aplica em uma série de incentivos e desafios postulados a uma igreja dividida: crescer mais profunda e plenamente na comunhão estabelecida por Deus em Cristo (1 Cor. 1:9 et seqq), observar a disciplina apropriada como convém aos irmãos e irmãs “dentro da igreja” (5:11-12), “não ofender” (10:32), “discernir o corpo” (11:29), “esperar uns pelos outros” (11:33) e “[tratar com especial honra] os membros que pensamos serem menos honrosos.” (12:23). Todos os que foram feitos membros desse corpo visivelmente, por meio da lavagem com água e da Palavra, e da unção em seu Espírito (1 Cor. 1:13, 1:18 e 3:16; ver Ef. 5:26), embarcaram no *início* da peregrinação da fé e da obediência<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Ver LC 1920, Resolução 9 [*Reunion of Christendom* (Reunião da Cristandade)], §2: “Reconhecemos que todos os que creem em nosso Senhor Jesus Cristo e foram batizados em nome da Santíssima Trindade compartilham conosco a condição de membros da Igreja universal de Cristo, que é o seu Corpo.” Ver Vaticano II, *Decreto sobre*

27. Como o movimento ecumênico há muito professa, a unidade da Igreja é tanto uma dádiva quanto um chamado<sup>23</sup>. Como dádiva, a comunhão da Igreja — o seu acordo na fé, a sua ordem visível e a sua missão — não é algo que cabe a nós alcançar; é a própria realização de Deus em Cristo “[reconcilia] consigo todas as coisas, tanto as que estão na terra quanto as que estão nos céus, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz” (Colossenses 1:19-20; ver Ef. 4:3). Como chamado, a comunhão da Igreja — sua fé, sua ordem e sua missão — continua sendo algo pelo qual nos esforçamos, como o Senhor ordenou a seus discípulos na noite em que foi traído, para que eles e todos nós *possamos*, por meio da obediência, do serviço mútuo e do amor, ser unos (ver João 17; ver Fil. 4:2).

### *Divisões anglicanas*

28. A Comunhão Anglicana conheceu muitas das dores e das alegrias do corpo de Cristo e nos últimos anos vem lutando para manter sua própria unidade, sempre continuando a engajar-se em diálogo ecumênico. A Lambeth Conference de 2008 afirmou novamente o compromisso anglicano com a “unidade plena e visível” com todos os cristãos e cristãs. A Comunhão “nunca viu sua vida como uma família de igrejas como algo autossuficiente”. No entanto, 230 bispos e bispas sentiram que não poderiam participar da conferência devido a “divisões contemporâneas entre anglicanos e anglicanas e as ações de certas províncias que as provocaram”, conforme explicou o relatório da conferência. O mesmo relatório continua: “Nossos parceiros ecumênicos às vezes ficam perplexos com a aparente inconsistência anglicana, especialmente no que diz respeito a questões de autoridade e eclesiologia. Isso é imediatamente relevante para os dilemas enfrentados nesta Lambeth Conference”<sup>24</sup>, Continuando a tendência, na Lambeth Conference de 2022, todos os bispos e bispas de três igrejas anglicanas membros não participaram, e, dentre as pessoas que participaram, algumas optaram por não receber a Sagrada Comunhão nas Eucaristias da conferência. O Chamado à Unidade Cristã mencionou as “divisões anglicanas” como “feridas no corpo de Cristo” que precisam ser tratadas<sup>25</sup>. Um apelo separado à reconciliação voltou ao mesmo assunto, instando o Arcebispo de Cantuária e o Comitê Permanente do ACC “a renovar e atualizar o diálogo com nossas irmãs e irmãos nas províncias e dioceses que não puderam estar conosco na Lambeth Conference 2022, buscando construir uma vida mais plena em união como uma família anglicana de igrejas”<sup>26</sup>.

29. É apropriado a este contexto que os anglicanos e anglicanas divididos/as comecem por aqui, com uma confissão de nosso próprio pecado e o fracasso em amar uns aos outros “até o fim” como uma família de pessoas cristãs (João 13:1). Nenhuma discussão de alto nível sobre a unidade da Igreja pode ignorar essas realidades, e não devemos tentar escapar delas. Em vez disso, devemos olhar aqui, para os rasgos no tecido da fé e da

---

*o Ecumenismo: Unitatis redintegratio* (1964), §3.1: “justificados no Batismo pela fé, são incorporados a Cristo, e, por isso, com direito se honram com o nome de cristãos e justamente são reconhecidos pelos filhos da Igreja católica como irmãos no Senhor.”, citando o Concílio de Florença e Santo Agostinho de Hipona (ver *ibid.*, §22.1). Ver o trabalho da Comissão Internacional Anglicana/Católico-Romana (ARCIC) desde 1968, *passim*; Conselho Mundial de Igrejas, *Baptism, Eucharist and Ministry* (Batismo, Eucaristia e Ministério; Genebra: CMI, 1982). Todas disponíveis on-line.

<sup>23</sup> Para três exemplo de apropriações anglicanas, ver: Pacto da Comunhão Anglicana, Introdução §3 e seção §2.1; Relatório de Hiroshima do Diálogo Internacional Reformado-Anglicano (IRAD), *Koinonia: God’s Gift and Calling* (A Dádiva e o Chamado de Deus; 2020); Grupo de Trabalho de Primazes, *The Gift, Call and Challenge of Communion* (A Dádiva, o Chamado e o Desafio da Comunhão; 2023).

<sup>24</sup> Lambeth Conference 2008, *Lambeth Indaba* §71 (citando resoluções semelhantes de 1878 e 1998) e §79.

<sup>25</sup> Lambeth Conference 2022, *Chamado de Lambeth: Unidade Cristã*, §§1.5 e 2.3.3.

<sup>26</sup> Lambeth Conference 2022, *Chamado de Lambeth: Reconciliação*, §4.7.



ordem anglicanas, para entender como eles podem ser restaurados<sup>27</sup>. Ao relatar esses desafios em 2008, o Grupo de Continuidade de Windsor instou a Comunhão a tratar de seu “déficit eclesial”, descrevendo a aparente paralisia diante do conflito como sintomática deste déficit<sup>28</sup>.

30. Embora a plenitude de nossa comunhão mútua raramente tenha sido questionada até recentemente, o fato da autonomia eclesial e a “diversidade progressiva” das igrejas anglicanas tornou mais difícil resolver discórdias e evitar divisões<sup>29</sup>. O Arcebispo Runcie falou sobre isso na Lambeth Conference de 1988, referindo-se ao “*shibboleth* da autonomia”, que descreve como fenômeno que vê a independência como algo preferível à interdependência. Esse não deveria ser o caso, disse ele, “se realmente queremos a unidade dentro da Comunhão Anglicana.... Ou nossa preocupação primordial é preservar a promoção da expressão específica do anglicanismo que se desenvolveu na cultura de nossa própria província? Chegamos ao estágio de crescimento da Comunhão”, concluiu ele, “em que devemos começar a fazer escolhas radicais, ou o crescimento se transformará imperceptivelmente em decadência. Acredito que a escolha entre independência e interdependência, já apresentada a nós como uma Comunhão em forma embrionária vinte e cinco anos atrás [no Congresso de Toronto], é simplesmente a escolha entre unidade ou fragmentação gradual”<sup>30</sup>.

### *Graus de comunhão*

31. A conhecida frase “o mais alto grau de comunhão possível” foi cunhada nessa época pela Comunhão Anglicana durante nossos debates sobre a ordenação de mulheres ao sacerdócio e ao episcopado, e tem servido desde então como uma convocação para “respeitar a decisão e as atitudes de outras províncias... sem que esse respeito indique necessariamente a aceitação dos princípios envolvidos”<sup>31</sup>. A referência a *graus* aqui é emprestada da teologia ecumênica e refere-se ao fato de que a comunhão (*koinonia*) não é binária, considerada simplesmente em termos de estar “dentro” ou “fora”. Ao invés disso, ela comporta vários aspectos, ações e compromissos interconectados que podem ser mais ou menos “totalmente” compartilhados com outras pessoas<sup>32</sup>. À medida

---

<sup>27</sup> Ver *A Statement by the Primates of the Anglican Communion meeting in Lambeth Palace* (Declaração de Primazes da da Comunhão Anglicana reunidos no Lambeth Palace) de 16 de outubro de 2003 (disponível on-line), que expressou a preocupação de que o aprofundamento das divisões dentro da comunidade anglicana em questões de sexualidade “esgarçaria o tecido de nossa Comunhão em seu nível mais profundo”.

<sup>28</sup> Grupo de Continuidade Windsor, *Report to the Archbishop of Canterbury* (Relatório ao Arcebispo de Cantuária; 17 de dezembro de 2008), §§50-59; disponível on-line. Ver ARCIC, *Walking Together on the Way: Learning to Be the Church — Local, Regional, Universal* (Caminhando juntos pelo caminho: aprendendo a ser igreja — local, regional, universal, Londres: SPCK, 2018), §§77-78; disponível on-line.

<sup>29</sup> Novamente, Lambeth Conference 1930, *Encíclica*. Esse problema é mencionado repetidamente pela IASCUFO em seu documento de 2012 intitulado *Rumo a uma Sinfonia de Instrumentos*, em que coleta e organiza as discussões do último meio século. Ver GSFA, *Covenantal Structure* (Estrutura do Pacto), *passim*.

<sup>30</sup> Robert Runcie, Discurso de Abertura da Lambeth Conference em *The Truth Shall Make You Free* (A Verdade vos Libertará, The Lambeth Conference 1988), pp. 16 e 17; citado no *Windsor Report* (Relatório Windsor) §66, e no Relatório da Subcomissão Ad Hoc da IARCCUM intitulado *Ecclesiological Reflections on the Current Situation in the Anglican Communion in the Light of ARCIC* (Reflexões eclesiológicas sobre a situação atual da Comunhão Anglicana à luz da ARCIC), 8 de junho de 2004, §15; disponível on-line. Ver ARCIC, *Walking Together on the Way* (Caminhando juntos pelo caminho), §137.

<sup>31</sup> Lambeth Conference de 1988, Resolução 1.1. Ver o uso contínuo do termo *mais alto grau de comunhão possível* no *Windsor Report* (Relatório Windsor). Ver Pacto da Comunhão Anglicana, §3.2.7.

<sup>32</sup> Ver, por exemplo, Vaticano II, *Decreto sobre Ecumenismo*, §3.1: homens e mulheres que “creem em Cristo e foram devidamente batizados[as] estão numa certa comunhão, embora não perfeita, com a Igreja Católica. De fato, as discrepâncias que de vários modos existem entre eles[as] e a Igreja católica — quer em questões doutrinárias e às vezes também disciplinares, quer acerca da estrutura da Igreja — criam não poucos obstáculos, por vezes muito graves, à plena comunhão eclesiástica.” Ver ARCIC, *Walking Together on the Way* (Caminhando juntos pelo caminho), §21.

que as igrejas se descobrem cada vez menos em total concordância sobre assuntos considerados essenciais ou importantes por pelo menos por uma das partes — se não todas — elas precisam determinar qual é a sua posição. Se a comunhão plena não for possível no momento, é apropriado fazer algum nível de delimitação da diminuição — descrita de várias formas como *divisão*, *ferida* ou *deficiência* — juntamente com uma afirmação daquilo que ainda é compartilhado.

32. Surgem, portanto, dúvidas sobre o que ainda é compartilhado e sobre como classificar corretamente a gravidade de uma determinada discordância. Como é bem sabido, a Comunhão Anglicana encontrou uma maneira de negociar um acordo sobre a ordenação de mulheres — acordo este que recebeu a bênção de sucessivas Lambeth Conferences — vinculado a uma teologia de recepção<sup>33</sup>. Ainda não encontramos nosso caminho para superar os desacordos e as divisões em torno das questões da homossexualidade e casamento<sup>34</sup>. O ensinamento da Resolução I.10 da Lambeth Conference de 1998, de que o casamento é “entre um homem e uma mulher” e “a prática homossexual [é] incompatível com as Escrituras”, foi e é, para a maioria da Comunhão, uma clara indicação de seu “entendimento” coletivo da questão, como o *Windsor Report* relatou há vinte anos. Em vista de uma declaração tão clara em uma Lambeth Conference, é difícil invocar a doutrina da recepção<sup>35</sup>. Provavelmente por esse motivo, a versão final do Chamado de Lambeth sobre a Dignidade Humana da Lambeth Conference de 2022 não propõe um acordo em si, mas registra o fato de que dois ensinamentos distintos foram alcançados “após cuidadosa reflexão teológica”. Sem um caminho claro a seguir, os o Chamado conclui que as pessoas anglicanas devem “manter seu compromisso com ouvir e caminhar juntas, apesar de nossa profunda discordância sobre essas questões”<sup>36</sup>.
33. Como podemos falar de unidade anglicana nesse contexto? A resolução da Lambeth Conference de 1998 intitulada “A unidade da Comunhão Anglicana”, reiterando o compromisso assumido dez anos antes de receber a ordenação de mulheres ao episcopado, falava notavelmente da “unidade *geral* da Comunhão Anglicana”<sup>37</sup>. A resolução citou algo admitido no relatório da primeira comissão presidida pelo Arcebispo Eames da Irlanda, a saber, que “embora alguns dos meios pelos quais a comunhão é expressa possam ser tensionados ou romper-se, faz-necessária a cortesia, a tolerância, o respeito mútuo e a oração mútua, e confirmamos que nosso desejo de conhecer ou estar com as outras pessoas permanece indiscutível para nós como cristãos e cristãs”<sup>38</sup>. Aqui, mais uma vez, a Lambeth Conference utilizou as ferramentas da teologia ecumênica para abordar as tensões e até mesmo as “rupturas” entre pessoas anglicanas, prescrevendo um retorno aos princípios básicos do encontro caridoso entre cristãos e cristãs.
34. Uma discussão recente produzida pela Comissão de Fé e Ordem da Igreja da Inglaterra propôs três tipos ou graus de discordância, que variam de pequenas escaramuças em

---

<sup>33</sup> A Resolução III.2(b) da Lambeth Conference de 1998 conclamou “as províncias da Comunhão a defenderem o princípio de ‘Recepção Aberta’ no que se refere à ordenação de mulheres ao sacerdócio, conforme indicado pela Comissão Eames; observando que ‘a recepção é um processo longo e espiritual’”. O item III.2(d) da mesma Resolução conclamou as “Províncias da Comunhão a tomarem as providências necessárias, incluindo o ministério episcopal apropriado, para que possam viver no mais alto grau de Comunhão possível, reconhecendo que não há e não deve haver nenhuma compulsão sobre qualquer bispo ou bispa em questões relativas à ordenação ou licenciamento”.

<sup>34</sup> Ver o relato no *Windsor Report* (Relatório Windsor) sobre essa diferença nos §§ 12 a 21.

<sup>35</sup> *Windsor Report* (Relatório Windsor), §69: “a doutrina da recepção só faz sentido se as propostas se referem a assuntos sobre os quais a Igreja ainda não se decidiu”.

<sup>36</sup> Lambeth Conference de 2022, *Chamado de Lambeth: Dignidade Humana*, §2.3.

<sup>37</sup> Lambeth Conference de 1998, Resolução III.2, grifo nosso.

<sup>38</sup> *Ibid.*, Resolução III.2(e).

uma determinada igreja até, em última instância, duvidar se a pessoa com a qual se discorda é uma pessoa cristã autêntica em qualquer sentido<sup>39</sup>. Essas perguntas são tão antigas quanto as epístolas de São Paulo, onde encontramos um padrão semelhante de dificuldade em discernir a natureza e o tamanho de conflitos diversos. Assim, e conforme já dissemos ecumenicamente e em discussões anglicanas, como podemos especificar os limites da diversidade? Quando é que uma variação legítima se torna uma licença indevida, incoerente, não bíblica ou de outra forma não sancionada? A única resposta plausível é a tradicional: As autoridades da Igreja, sob a forma de concílios, sínodos e cânones, buscam discernir a verdade de Deus nessas questões e, então, moldar uma ordem que possa, pela graça de Deus, articular e ampliar a fé una.<sup>40</sup> Esse processo leva tempo e exige paciência no caminho para buscar e depois preservar a comunhão da Igreja una. Teremos mais a dizer sobre isso quando chegarmos à discussão da escola de catequese de Santo Agostinho sobre a caridade eclesial em seus encontros com os donatistas.

### *Abrindo espaço uns para os outros*

35. Como a Igreja é um organismo vivo, as dimensões constituintes da comunhão precisam ser continuamente especificadas e refinadas. Um texto de 2013 do Conselho Mundial de Igrejas intitulado *The Church: Towards a Common Vision* (“A Igreja: Rumo a uma visão comum”) sugere que a *comunhão plena* deve incluir adequadamente cinco elementos: “comunhão na plenitude da fé apostólica; na vida sacramental; em um ministério verdadeiramente uno e mutuamente reconhecido; em estruturas de relações conciliares e na tomada de decisões; e em testemunho e serviço comuns no mundo”<sup>41</sup>. Como quer que se interprete o trecho acima, ele representa uma tarefa difícil.
36. Isso também se encaixa com o que as pessoas anglicanas vêm dizendo nas últimas décadas sobre essa mesma questão. A declaração *Church as Communion*, adotada em 1990, publicada pela Comissão Internacional Anglicana/Católico-Romana (ARCIC), enumerou “o que constitui a comunhão eclesial” no seguinte parágrafo, frequentemente citado:

Ela está enraizada na confissão da fé apostólica una, revelada nas Escrituras e estabelecida nos Credos. Ela se baseia em um único batismo. A celebração una da eucaristia é sua

---

<sup>39</sup> Sínodo Geral, *Communion and Disagreement: A Report from the Faith and Order Commission* (Comunhão e discordância: relatório da Comissão de Fé e Ordem, 2016), §53 et seqq; disponível on-line. Ver o relatório da 80ª Convenção Geral da Igreja Episcopal (2022) produzido pela Força-Tarefa sobre Comunhão através da Diferença: *Put Out into the Deep Water: Communion across Difference as a Christian Call* (Vá para onde as águas são mais profundas: a Comunhão através das diferenças como chamado cristão), seções 4-6 e 15-19, disponível on-line.

<sup>40</sup> Ver Comissão Internacional para o Diálogo Teológico Anglicano-Ortodoxo (ICAOTD), *The Church of the Triune God* (A Igreja do Deus Triúno; 2006), VIII.9-12 (disponível on-line) para uma discussão sobre o “discernimento da heresia” na e pela Igreja, que está “intimamente ligada ao processo contínuo de recepção, no qual as inovações, propostas com o objetivo de atualizar o Evangelho, são primeiro discernidas e depois acolhidas ou rejeitadas” (VIII.10). Esse discernimento “começa adequadamente” em nível local, às vezes requer conselhos regionais ou sínodos e, por fim, é levado a um Conselho Ecumênico, “cujas decisões são recebidas por toda a Igreja” (VIII.11). Cf. toda a seção IX em *ibid.*: “Recepção na Comunhão.”

<sup>41</sup> Ver Comissão Internacional para o Diálogo Teológico Anglicano-Ortodoxo (ICAOTD), *The Church of the Triune God* (A Igreja do Deus Triúno; 2006), VIII.9-12 (disponível on-line) para uma discussão sobre o “discernimento da heresia” na e pela Igreja, que está “intimamente ligada ao processo contínuo de recepção, no qual as inovações, propostas com o objetivo de atualizar o Evangelho, são primeiro discernidas e depois acolhidas ou rejeitadas” (VIII.10). Esse discernimento “começa adequadamente” em nível local, às vezes requer conselhos regionais ou sínodos e, por fim, é levado a um Conselho Ecumênico, “cujas decisões são recebidas por toda a Igreja” (VIII.11). Cf. toda a seção IX em *ibid.*: “Recepção na Comunhão.”

<sup>41</sup> Conselho Mundial de Igrejas, *The Church: Towards a Common Vision* (A Igreja: por uma visão comum) (2013), §37; disponível on-line.

expressão e foco preeminentes. Ela necessariamente encontra expressão no compromisso compartilhado com a missão confiada por Cristo à sua Igreja. É uma vida em que se compartilha o importar-se com o próximo em tolerância, submissão, gentileza e amor mútuos; no colocar dos interesses de outras pessoas acima dos interesses próprios; no abrir de espaços uns para os outros no corpo de Cristo; na solidariedade com as pessoas pobres e impotentes; e no compartilhamento de dádivas tanto materiais quanto espirituais (ver Atos 2:44). Também é constitutivo da vida em comunhão a aceitação dos mesmos valores morais básicos, o partilhar de uma mesma visão da humanidade criada à imagem de Deus e recriada em Cristo, e a confissão comum da esperança una na consumação final do Reino de Deus<sup>42</sup>.

37. Mais uma vez, entender a comunhão ecumênica das igrejas pelo prisma destas listas não significa dizer que, se algum desses componentes não estiver presente ou for inferior ao que deveria ou poderia ser, então não haverá comunhão alguma: muito pelo contrário. Tampouco o fato de haver uma comunhão prejudicada, imperfeita e incompleta dentro de uma determinada família de igrejas, como a Comunhão Anglicana, torna o caráter da comunhão totalmente ecumênico, sem exceções. O presente documento relembra continuamente tudo que as pessoas anglicanas ainda compartilham — ou, conforme o caso, podem retomar a qualquer momento: não apenas um batismo comum, uma herança litúrgica comum e uma história missionária comum, mas também uma esperança de que a Eucaristia será celebrada quando nos encontrarmos; não apenas estruturas e quadros jurídicos semelhantes, mas também Instrumentos da Comunhão para discernimento e tomada de decisão mútuos. Presumimos — e oramos para isso — que todas as pessoas anglicanas priorizam a busca da plenitude da fé e da ordem, antes de tudo, umas com as outras<sup>43</sup>.
38. Ao fazerem isso, “suportando uns aos outros em amor” (Ef. 4:2), as pessoas anglicanas precisarão “abrir espaço umas para as outras no corpo de Cristo”, parafraseando a útil metáfora da ARCIC. Elas devem “esperar umas pelas outras” (1 Cor 11:33) e aguardar a orientação segura de Deus para a Igreja no “Espírito da verdade”, que “convencerá” do pecado (João 16:8,13). Assim como o Espírito Santo nos ajuda a nos ver como pessoas peregrinas imperfeitas e em jornada que formam um coletivo *geral* de rebeldes, “pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus” (Rom. 3:23), o mesmo Espírito cultivará em nós a paciência e a humildade gentil, a partir das quais o discurso verdadeiro e amoroso pode crescer em um solo rico: um discurso que seja honesto e que possa ser ouvido e recebido pelas pessoas por quem nos preocupamos (Ef. 4:2,15). A disciplina eclesial, aplicada àqueles que estão “dentro da Igreja” (1 Cor. 5:12), deve ter esse caráter de verdade no amor. Dessa forma, também, como insiste São Paulo, até mesmo as “divisões” dentro da Igreja — diferenciação, por outro nome — podem ser um meio de descobrir novamente o poder de Deus na fraqueza transfiguradora da cruz de Cristo (1 Cor. 11:19; ver 1 Cor. 1) no caminho para um consenso renovado na verdade (1 Cor. 12).
39. Ao mesmo tempo em que recebe e trabalha para alcançar o mais alto grau de comunhão possível, a próxima jornada da vida anglicana deve se concentrar na perseverança em meio à discordância sobre questões importantes de ortodoxia e ética em direção a uma santidade, catolicidade e apostolicidade comumente discernidas da Igreja una de Cristo.

---

<sup>42</sup> ARCIC, *Church as Communion* (A Igreja como Comunhão, 1990), §45, disponível on-line. Ver, analogamente: *Windsor Report* (Relatório Windsor), §49; *The Virginia Report* ((Relatório Virgínia, Comissão Teológica e Doutrinária Inter-Anglicana (IATDC), 1997), §3.1, disponível on-line; Grupo de Trabalho de Primazes, *The Gift, Call and Challenge of Communion* (A Dádiva, o Chamado e o Desafio da Comunhão), §7.

<sup>43</sup> Ver Grupo de Trabalho dos Primazes, *The Gift, Call and Challenge of Communion* (A Dádiva, o Chamado e o Desafio da Comunhão)”, *passim*. Para uma apresentação tradicional do discernimento em consciência sobre a comunhão eucarística, consulte LC 1968, resolução 46.

## (2) A santidade da Igreja

### *Santos e inculpáveis*

40. Ouvir o chamado da comunhão com Jesus e sua Igreja é ouvir o chamado à santidade. A santidade denomina a qualidade da vida no Espírito, separada para a adoração a Deus, que exhibe a beleza e a pureza de Cristo, em quem “foi do agrado de Deus que nele habitasse toda a plenitude”, por meio da qual o Pai “reconcilia consigo todas as coisas” (Colossenses 1:19-20). No Pai, tendo sido apresentados como “santos, inculpáveis e livres de qualquer acusação” pela graça de Deus (1:22), os fiéis são chamados e empoderados a fazer “todas as boas obras” que Deus lhes prepara nas famílias, comunidades e culturas em que vivem. E afirma que devem buscar a concordância mútua, “na verdade da santa Palavra [de Deus]”, e viver assim “unidos na virtude da caridade.”<sup>44</sup>

### *Divisões anglicanas*

41. À luz desse chamado à unidade sagrada, as contínuas disputas e divisões anglicanas com relação ao casamento e à sexualidade são desconcertantes e têm sido motivo de escândalo. Muitas pessoas acreditam que celebrar e abençoar os relacionamentos de casais não celibatários do mesmo sexo na Igreja é abençoar o que as Escrituras e a tradição do ensino cristão sempre chamaram de pecado. Nesse caso, essa bênção marca um desvio da devida e sagrada ordem do sexo e da sexualidade. Como a união de um homem e uma mulher, o santo matrimônio é um sinal do relacionamento nupcial entre Cristo e a Igreja e é uma união das duas partes distintas da humanidade criada que tem o potencial de trazer nova vida ao mundo e sustentar a raça humana. Portanto, o casamento também remonta à santificação por Cristo, o Verbo, da matéria criada nos eventos de sua Encarnação e Paixão.
42. Para outras pessoas, a recusa da Igreja em abençoar relacionamentos comprometidos entre pessoas do mesmo sexo perpetra uma ofensa profana contra o amor de Cristo e uma rejeição de pessoas feitas à imagem de Deus, cujos afetos naturais são entendidos como inatos e não escolhidos. O pecado aqui descrito é o contra a caridade, ainda mais quando os relacionamentos comprometidos entre pessoas do mesmo sexo refletem algumas das dádivas do casamento, como a fidelidade no apoio mútuo, o companheirismo e a criação — ainda que não a geração — de filhos e filhas. Além disso, para muitas pessoas dentro da Comunhão, a criminalização dos atos homossexuais — incluindo a punição com a imposição da pena de morte, algo que algumas pessoas anglicanas apoiam em alguns países — equivale a uma recusa pecaminosa da justiça de Cristo.
43. Essas duas perspectivas não são inteiramente contraditórias. Discordamos, no entanto, sobre o que constitui a vida santa, incluindo questões sobre o lugar apropriado do celibato como expectativa para pessoas solteiras, expectativas sobre a vida moral das pessoas ordenadas e liturgias públicas para a bênção de relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. Existe alguma maneira confiável de resolver isso? Mais uma vez, os concílios e sínodos da Igreja são dados por Deus para o discernimento partilhado da verdade, centralizado nas Escrituras, no caminho para alcançar a concordância ou “o

---

<sup>44</sup> “The Order for the Administration of The Lord's Supper or Holy Communion” (A Ordem para a Administração da Ceia do Senhor ou Santa Ceia), Livro de Oração Comum (1662), disponível on-line.

mesmo modo de pensar”, como exorta o Novo Testamento (Filip. 2:2; 1 Cor. 1:10; 1 Ped. 3:8; ver Atos 15). Se há a expectativa de que haja divisões aqui também, estas serão resolvidas no julgamento justo do Senhor, quando tudo for revelado (1 Cor. 11:19,32).

### *Caminhar juntos à distância*

44. Não aconselhamos aqui em desespero. Como antegozo das promessas de Deus e por sua graça, as disputas que dividem a Igreja foram, em ocasiões, superadas, com a ajuda do diálogo paciente e da pesquisa teológica. As batalhadas conquistas da Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação (1999, 2019), por exemplo, ou as declarações ortodoxas/anglicanas-orientais sobre cristologia e o Espírito Santo, demonstram que conflitos de longa duração podem ser ultrapassados<sup>45</sup>. Como argumentou o Papa João Paulo II, o encontro ecumênico deve ser um “diálogo de conversão” que se torna um “diálogo de salvação”, uma vez que é fundamentado em Jesus Cristo, o Redentor e Senhor, que é a nossa reconciliação.<sup>46</sup> Como o papa continuou:

Esse aspecto vertical do diálogo é fundado em nosso reconhecimento, em conjunto e mutuamente, de que somos homens e mulheres que pecaram. É precisamente esse reconhecimento que cria nos irmãos e irmãs que vivem em comunidades que não estão em plena comunhão umas com as outras aquele espaço interior onde Cristo, a fonte da unidade da Igreja, pode efetivamente agir, com todo o poder de seu Espírito, o Paráclito.<sup>47</sup>

45. Quando as pessoas anglicanas — como quaisquer outras — divergem profundamente sobre aspectos da vida santa, elas podem renovar seus esforços para encontrar maneiras santas de lidar com as diferenças e divisões. O que significa ser “completamente” humildes, gentis e pacientes, “suportando uns aos outros com amor”? Como podemos fazer “todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Ef. 4:2-3)? Recusar-se a desistir das pessoas com quem divergimos significa insistir em um amor renovado quando o mundo quer que nos afastemos. A recusa obstinada de desistir um do outro, de permanecer no relacionamento apesar de discordâncias profundas e significativas, pode ser um testemunho notável do poder de Cristo de trazer unidade em um mundo dividido e um prenúncio do dia em que todas as coisas no céu e na terra serão reunidas sob Cristo (Ef 1:10) Esse acompanhamento persistente não precisa implicar em caminhar sempre lado a lado, ou na mesma velocidade, ou necessariamente sempre no mesmo caminho. Os apelos solenes à unidade podem, por vezes, funcionar como um abuso de poder, pois buscam impor uma proximidade de relacionamento que suprimiria ou negaria diferenças importantes. Encontramos na história de Paulo e Barnabé um precedente para um caminhar juntos, mas à distância, por assim dizer: os dois se distanciaram depois de um “forte desentendimento” (Atos 15:39) e, ainda assim, continuaram colegas apostólicos na missão, com certo grau de respeito mútuo e até mesmo afeição (ver 1 Cor. 9:5; 2 Tim. 4:11; Col. 4:10). Aqui, um aspecto talvez surpreendente do *vínculo de paz* é revelado como uma bênção diferenciada.

46. Todos os cristãos e cristãs se encontram como discípulos e discípulas não merecedores/as que foram recebidos/as como amigos e amigas na comunhão do Filho de Deus, por meio de seu Espírito. No solo de seu sacrifício, nos depositam como

---

<sup>45</sup> *Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação*, Ed. de 20º Aniversário; Comissão Internacional Ortodoxa/Anglicana-Oriental, *Cristologia* (2002, 2014) e *Procissão e Trabalho do Espírito Santo* (2017). Todos disponíveis on-line.

<sup>46</sup> João Paulo II, *Ut Unum Sint: On Commitment to Ecumenism* (Ut Unum Sint: Sobre o empenho ecumênico) (1995), §35; disponível on-line.

<sup>47</sup> *Ibid.*

sementes que podem, com o tempo, “germinar e crescer”, embora não saibamos como (Marcos 4:27). Nada disso é fácil — como a história da Igreja e de suas divisões deixa claro —, mas também não é opcional. Esse é o padrão do desígnio divino, e leva tempo. Como Jesus descreve o reino de Deus: “A terra por si própria produz o grão: primeiro o talo, depois a espiga e, então, o grão cheio na espiga. Logo que o grão fica maduro, o homem lhe passa a foice, porque chegou a colheita” (4:28-29).

47. Quando Deus nos transforma à imagem de seu Filho, que é a verdade, *ele* nos veste com nosso novo eu, recriado “para ser semelhante a Deus em justiça e em santidade provenientes da verdade”, como diz a epístola aos Efésios (Ef. 4:24). Assim é o “seguir a verdade em amor”: “cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo”, que permite a construção do corpo em amor, “na medida em que cada parte realiza a sua função” (4:15-16). Quando aprendemos a falar com sinceridade com as outras pessoas em Cristo, Ele nos empodera a falar com honestidade e a enfrentar assuntos difíceis. Quando famílias que se amam se envolvem de forma construtiva em conflitos, em um espírito de dação que visa à reconciliação (ver Ef. 5), é de se esperar que haja algum grau de desconforto.
48. Aquelas pessoas em nossos debates que se autodenominam *conservadoras* ou *ortodoxas* devem reconhecer a dádiva e o chamado à responsabilidade para com aquelas pessoas com quem compartilham um batismo, uma história e outros meios de comunhão, mesmo quando acreditam que estas pessoas se encontrem em grave erro doutrinário e em perigo moral. Aquelas pessoas que se autodenominam *progressistas* ou *liberais* devem estar preparadas para aceitar graciosamente o grau de seriedade com que seus e suas colegas da Comunhão tratam os assuntos em questão e admitir a consequência de uma comunhão reduzida em algum nível. E todas as pessoas devem estar preparadas para servir e honrar as outras, mesmo quando a distância ou a diferenciação forem necessárias, pois assim implica nosso compromisso de abrir espaço para o próximo. Dessa forma, as igrejas anglicanas podem continuar — na companhia de outros cristãos e cristãs, a quem também estamos vinculados em amor (Col. 3:14) — a se engajar juntos e juntas na busca da verdade.

### (3) A catolicidade da Igreja

#### *Ortodoxia católica*

49. A catolicidade denota a amplitude visível e a capacidade de reconhecimento estrutural da Igreja una ao longo do tempo e do espaço. Atos 9:31 relata que “A igreja passava por um período de paz em toda a Judéia, Galileia e Samaria. Ela se edificava e, encorajada pelo Espírito Santo, crescia em número, vivendo no temor do Senhor.” A frase grega traduzida como *em toda a é καθ’ ὅλης*: isto é, “católica”. São Lucas apresenta uma imagem da Igreja localizada e expressa em diferentes lugares e contextos culturais, mas unida na fé. Na formulação do século 5 de São Vicente de Lérins, o termo *católico* descrevia “algo crédito em toda parte, sempre e por todas as pessoas”. Isso pressupõe a necessidade de a Igreja discernir e articular perpetuamente a fé ortodoxa sem prejuízo da devida diversidade, na qual os diferentes membros desempenham papéis complementares (1 Cor. 12:21). Imaginando juntas como isso se daria, pessoas anglicanas e luteranas, por exemplo, concordaram que “diversas tradições de método teológico e de espiritualidade e liturgia” podem ser entendidas como “uma dimensão desejável da catolicidade da Igreja, quando julgadas como expressões genuínas de uma

fé mantida em comum.”<sup>48</sup> Novamente, vemos aqui a implicação de que o aconselhamento e a tomada de decisão partilhados são ingredientes constitutivos da comunhão.

### *Agostinianismo anglicano*

50. Quando se trata de buscar e servir a catolicidade da Igreja em meio a disputas doutrinárias, encontramos dois grandes padrões na eclesiologia anglicana. Um deles, evidenciado pela saída da Igreja da Inglaterra da Igreja de Roma em 1534, exige um rompimento sem qualificantes com o que é considerado heresia ou pecado moral deliberado dentro da Igreja<sup>49</sup>. O outro, ilustrado no Acordo Elizabetano, estabelece a inevitabilidade das disputas doutrinárias dentro dos amplos contornos de uma Igreja visível, que serve como plataforma para o julgamento justo de Deus e a ordem correta no final. A polêmica justificativa do bispo John Jewel para a separação da Igreja da Inglaterra da Igreja de Roma dá lugar à síntese de Richard Hooker, elaborada uma geração depois, que se esforça para afirmar a eclesialidade autêntica até mesmo da Igreja de Roma, apesar das sérias divergências doutrinárias.<sup>49</sup>
51. Como escreve Hooker, os cristãos e cristãs da Igreja da Inglaterra certamente têm a *esperança* de que “reformular-nos, se em algum momento tivermos cometido algum erro, não significa separarmos-nos da Igreja da qual fazíamos parte antes. Da Igreja éramos, e na Igreja permanecemos”. Mas isso deve ser verdade para as outras pessoas também — não apenas para as luteranas, por exemplo, mas também para a Igreja de Roma, com a qual a Igreja da Inglaterra ainda pode buscar “manter comunhão” na medida em que “legalmente possa”. Assim, da mesma forma que São Paulo pode falar de Israel tanto como nação inimiga quanto amada de Deus (Rom. 11:28), assim a é Roma, diz Hooker: “não ousamos” comungar com “suas abominações grosseiras e graves”, mas, “no entanto, no que diz respeito às partes principais da verdade cristã” nas quais as pessoas católicas romanas “ainda persistem constantemente, nós as reconhecemos de bom grado como sendo da família de Jesus Cristo”. Assim, “nossa sincera oração ao Deus

---

<sup>48</sup> *Growth in Communion: Report for the Anglican-Lutheran International Working Group* (Crescimento em Comunhão: Relatório para o Grupo de Trabalho Internacional Anglicano-Luterano); 2000-2002, §138; disponível on-line. O relatório distingue entre “(a) diversidade legítima em assuntos secundários ou não essenciais, (b) anomalias suportáveis, e (c) questões potencialmente divisórias da igreja” (§136; ver §§145, 149, 151 et seqq). Ver Norman Doe, *Communion and Autonomy in Anglicanism: Nature and Maintenance* (Comunhão e Autonomia no Anglicanismo: Natureza e Manutenção) n.d., disponível on-line), um documento preparado para a Comissão de Lambeth que produziu o *Windsor Report* (Relatório Windsor) de 2004. Ver IATDC, *Virginia Report* (Relatório Virgínia), §5.14-5.15 (citando o Relatório Final da ARCIC, Autoridade I, §21). Ver Subcomissão da IARCCUM, *Ecclesiological Reflections* (Reflexões Eclesiológicas), §28. ICAOTD, *Church of the Triune God* (Igreja do Deus Triúno), IX.24-25.

<sup>49</sup> Ver John Jewel, *The Apology of the Church of England* (A Apologia da Igreja da Inglaterra; 1564, disponível on-line), *passim*, incluindo a parte IV: “Quanto ao que fizemos agora para nos afastarmos daquela Igreja, cujos erros foram provados e manifestados ao mundo, a qual também já se afastara evidentemente da palavra de Deus; e, contudo, não tanto para nos afastarmos dela em si, como mais de seus erros...” Nós, escreve Jewel, “nos separamos, não como hereges costumam fazer, da Igreja de Cristo, mas como todas as pessoas de bem devem fazer, da infecção de pessoas perversas e hipócritas” — e mais do que isso, da “companhia” de “pessoas que, embora não sejam, pelo menos parecem ser e são chamadas de cristãs”. É certo que esses mesmos impostores, tendo “destituído a Igreja de Deus de tudo que tenha qualquer semelhança com esta Igreja, *ainda assim... parecerão* patronos e valentes mantenedores da Igreja”, como todos os hereges sempre fizeram. Aqui Jewel menciona os arianos, nestorianos, ebionitas e “maomitas” (ou “sarracenos”); em uma lista anterior, ele inclui eutiquianos, marcionitas, valentinianos, carpocratianos, tatianos e novacianos — em suma, “todos aqueles que têm uma opinião perversa sobre Deus, o Pai, ou sobre Cristo, ou sobre o Espírito Santo, ou sobre qualquer outro ponto da religião cristã” (parte III). Curiosamente, em ambas as listas de heresias, Jewel não menciona os donatistas, os hereges *eclesiais*, cujos ensinamentos e ações levaram Santo Agostinho a insistir que a verdadeira Igreja se encontra secretamente dentro dos limites muito visíveis de uma assembleia mista, com a participação de pessoas católicas boas e más.



Todo-Poderoso é que, por Ele permanecer até agora unido a [estas pessoas], que possam, no final (se for da vontade d'Ele), se adaptar e se reformar de tal forma que não haja distração em nada, mas que ‘todos nós, com um só coração e uma só boca, glorifiquemos a Deus, Pai de nosso Senhor e Salvador’ (Rom. 15:6), de quem somos Igreja”<sup>50</sup>.

52. Nesse ponto, Hooker alinha seu pensamento com os argumentos de Santo Agostinho de Hipona contra os donatistas nos séculos IV e V<sup>51</sup>. Para Agostinho, o erro donatista era romper com a Igreja em busca de um refúgio de pureza ao invés de contestar a fé ortodoxa *dentro da Igreja*, que é sempre uma mistura de trigo e joio (ver Mat. 13:24-43)<sup>52</sup>. Certamente, Agostinho despendeu energia considerável respondendo e corrigindo as opiniões de outros católicos. Essa contestação intereclesial molda os fiéis em uma “paciência” e “prudência” necessárias e ajuda o avanço das pessoas que precisam de correção, permitindo que “muitos de seu número” sejam “convertidos a fazer o bom prazer de Deus com um grande ímpeto, quando levados a ter piedade de suas próprias almas”<sup>53</sup>. A ordem do dia, portanto, é a instrução “em um espírito de gentileza”, dando “estudo cuidadoso à regra da fé” em uma tentativa de aceitar “a autoridade do que é católico”<sup>54</sup>.

53. Esse debate dos séculos IV e V definiu os termos clássicos para combater a heresia e o cisma e articular a fé ortodoxa. Ele começa com o reconhecimento universal do batismo cristão como válido e irrepetível, independentemente da localização eclesial. Em seguida, ele observa a inevitabilidade da heresia, tanto dentro quanto fora da Igreja, e suas consequências cismáticas como um distanciamento da verdade, retratado de forma consistente tanto no Antigo quanto no Novo Testamento<sup>55</sup>. Por fim, ele elabora um relato da conversão interior, da fidelidade e da perseverança — para almas individuais e para a própria Igreja — como dádivas da graça ocultas da vista, mas concedidas ainda assim. Dessa forma, Deus protege e preserva a Igreja, guia seus bispos e bispas forma fiéis na esperança e no amor, enquanto aguardam o dia em que tudo será corrigido<sup>56</sup>.

### *Comunhão diferenciada*

54. Nessa tradição agostiniana, agora apropriada em uma base ecumênica, todas as pessoas cristãs podem afirmar que a Igreja sofreu algum grau de fragmentação ou ferida<sup>57</sup>. Em

---

<sup>50</sup> Todo o material de Richard Hooker, *Laws of Ecclesiastical Polity* (Leis da Política Eclesiástica; 1594), III.i.10, está disponível on-line.

<sup>51</sup> *Ibid.*, III.i.9.

<sup>52</sup> Agostinho de Hipona, *De doctrina christiana*, III.37, 55, disponível on-line.

<sup>53</sup> Agostinho de Hipona, *De catechizandis rudibus*, 25,48, disponível on-line.

<sup>54</sup> Agostinho de Hipona, *On Baptism* (Sobre o Batismo), 5.27.38, disponível on-line (and trans. in *The Donatist Controversy* [A Controvérsia Donatista] I, ed. Boniface Ramsey and David G. Hunter [New City Press, 2019]).

<sup>55</sup> Ver Hooker, *Laws*, III.i.7: “Falamos agora da Igreja visível, cujos filhos são imbuídos com esta marca: ‘Um Senhor, uma Fé, um Batismo’. Em quem quer que essas coisas estejam, a Igreja as reconhece como seus filhos.... Pois é evidente que todos os homens são necessariamente cristãos ou não cristãos. Se por profissão externa são cristãos, então são da Igreja visível de Cristo; e cristãos por profissão externa são todos aqueles cuja marca de reconhecimento contém as coisas que mencionamos, sim, ainda que sejam idólatras ímpios, hereges iníquos, pessoas excomungadas, sim, e expulsas por notória improbidade.” Ver III.i.9: “Deus sempre teve e sempre terá uma Igreja visível na terra”, no início de seu exame da fidelidade da aliança de Deus com o “povo de Deus” do Antigo Testamento, sob o mesmo sinal de um corpo misto. Ver III.i.10: “A Igreja de Cristo, que existia desde o princípio, existe e permanecerá até o fim, da qual nem todas as partes foram sempre igualmente sinceras e sólidas.”

<sup>56</sup> Agostinho de Hipona, *On Baptism* (Sobre o Batismo), 5.18.24–5.28.39 *et passim*.

<sup>57</sup> Ver Lambeth Conference 1920, *Carta Encíclica*. Ver Vaticano II, *Lumen Gentium*, §48.3; *Decreto sobre o Ecumenismo*, §4.10: “E até para a própria Igreja se torna mais difícil exprimir na realidade da vida e sob todos os aspectos a sua plena catolicidade.”; *Catecismo da Igreja Católica*, §817, disponível on-line. Ver ICAOTD, *The Church of the Triune God* (A Igreja do Deus Triúno), VIII.13; IASCUFO, *Rumo a uma Sinfonia de*

meio a discussões sobre teologia e prática, é fácil encontrar novas comunidades que se opõem umas às outras. Essa denominacionalização da Igreja apresenta um contratestemunho ao evangelho, aparentemente renunciando a qualquer esperança de "conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz" (Ef. 4:3). Ao mesmo tempo, todas as pessoas cristãs professariam que a Igreja sobrevive e prospera de acordo com as promessas de Deus (Mt. 16:18), não apenas em meio a perseguições, mas também quando inúmeras comunidades conseguem, pela graça de Deus, compartilhar as boas novas, enfrentar desafios e descobrir novos recursos. A rica diversidade de igrejas e tradições, não obstante o pecado da divisão, dá testemunho de vários aspectos da fé católica, da qual todas as partes autênticas são necessárias, pois são dadas por Deus "para a redenção do mundo"<sup>58</sup>.

55. Com o tempo, pela graça de Deus, as divergências acentuadas entre os cristãos e cristãs e as igrejas podem encontrar solução em um renovado e visível consenso católico. Anglicanos e anglicanas há muito trabalham e oram por isso, e devem continuar a fazê-lo. Esse consenso não pode ser encontrado sem que as pessoas "batalhassem pela fé de uma vez por todas confiada aos santos" (Judas 1:3), por meio da qual o Senhor permite à Igreja encontrar sua voz e falar com sinceridade. Em ambos os casos, novamente, as persistentes diferenças, desacordos e até mesmo divisões podem ser abarcadas pela Igreja e pelas comunhões dentro dela, em um seio de amor paciente, reconhecendo o dom da correção como um castigo do Senhor, "para que não sejamos condenados" (1 Cor. 11:32).
56. Sob esse prisma, a Estrutura do Pacto da Fraternidade das Igrejas Anglicanas do Sul Global (GSFA), por exemplo, pode ser aceita como uma contribuição útil para o discernimento da verdade doutrinária e ética dentro da Comunhão Anglicana. A GSFA afirmou repetidamente que espera ver a Comunhão articular novamente com vigor a fé e a ordem católica e apostólica da Igreja como uma renovação de sua missão, e que não tem planos de se afastar da Comunhão Anglicana. Em uma família de igrejas cada vez mais consciente de sua diversificação e ansiosa por recuperar a plenitude da comunhão mútua, deve-se esperar contribuições de tais associações e redes. Elas se destacam como desdobramentos tanto da autonomia provincial quanto da "lealdade mútua sustentada por meio de aconselhamentos partilhados", em um serviço esperançoso de unidade e fidelidade da Comunhão Anglicana<sup>59</sup>.
57. Podemos lembrar aqui o compromisso anglicano com um episcopado histórico "adaptado localmente" (Quadrilátero de Lambeth) e o princípio ecumênico dos graus de comunhão, ambos elementos complementares da catolicidade. Retomando esses pontos, uma recente proposta programática elaborada por uma força-tarefa da Igreja Episcopal (nos Estados Unidos) propôs uma atenção renovada ao "exercício, função e alcance do ministério episcopal, uma vez que o ministério dos bispos e bispas necessariamente incorpora aspectos locais, regionais e mundiais". "Em um mundo que busca superar a discordância por meio de uniformidades impostas", continuou o relatório, "a comunhão diferenciada em seu aspecto episcopal pode contribuir com um fermento muito necessário de diversidade de princípios, estabelecido dentro de

---

*Instrumentos*, §5.5.3; ARCIC, *Walking Together on the Way* (Caminhando Juntos o Caminho), §§21, 80; IRAD, *Koinonia: God's Gift and Calling* (Koinonia: Dom e Chamado de Deus), §§39, 49, 51.

<sup>58</sup> Exortação em *Eucaristia, Santa Comunhão ou Ceia do Senhor*, Livro de Oração Comum (1662). Ver Lambeth Conference 1920, *Carta Encíclica*: "No passado, as negociações para a reunião geralmente começavam com a tentativa de definir a medida de uniformidade que é essencial. Foi dada a impressão de que nada mais importa. Agora, vemos que esses elementos da verdade que fizeram surgir diferenças são essenciais para a plenitude do testemunho de toda a Igreja." Ver Vaticano II, *Decreto sobre o Ecumenismo*, §23.

<sup>59</sup> LC 1930, resolução 49.

estruturas provisórias que atuam como modelos de humildade”<sup>60</sup>. As estruturas que se desenvolveram na Comunhão são contingentes e provisórias: penúltimas e não últimas. Reformas propostas mais recentemente, como o Pacto da Comunhão Anglicana, talvez não tenham conseguido obter consenso suficiente porque buscaram suprimir a divisão ao invés de aceitar sua inevitabilidade. Pensando na próxima jornada da vida anglicana que partilharemos, fará bem à Comunhão renovar esse diálogo enquanto aguardamos a prometida finalização escatológica da Igreja.

#### (4) A apostolicidade da Igreja

##### *Fundação apostólica*

58. A natureza apostólica da Igreja tradicionalmente aponta para duas coisas: a continuidade de sua fé com a dos apóstolos e envio da Igreja ao mundo (*apostello*) na missão de Deus. Em ambos os casos, a atenção renovada às estruturas da Comunhão Anglicana pode ser abordada de maneira prática, para melhor auxiliar as igrejas a manterem uma vida interdependente e a darem testemunho da esperança do Evangelho em um mundo preso a ciclos perpétuos de conflitos étnicos e políticos.
59. As igrejas da Comunhão Anglicana compartilham uma história de oração comum e missão comum, nutrida por uma rica herança teológica. Incorporando a chegada do cristianismo na Grã-Bretanha, o envio de Santo Agostinho aos anglos pelo Papa Gregório Magno no século VI e a reforma da Igreja da Inglaterra no século XVI, o que hoje chamamos de Comunhão Anglicana surgiu gradualmente do fruto das missões dos séculos XVIII, XIX e XX. Conforme exposto acima, a Comunhão que ali florescia reivindicou para si o padrão litúrgico e doutrinário da Igreja da Inglaterra, consagrado no Livro de Oração Comum de 1662, nos 39 Artigos, no Ordinal e nas Homilias. As igrejas anglicanas assumiram um padrão antigo de apostolicidade, de acordo com o qual o ministério episcopal simbolizava e representava o centro pessoal, colegiado e comunitário da fé e da ordem, estabelecido em sínodos locais e translocais<sup>61</sup>. No influente compromisso do Quadrilátero Chicago-Lambeth de 1886 e 1888, os bispos e bispas anglicanos/as concordaram que as Escrituras, os credos, os sacramentos dominicais e um episcopado histórico adaptado localmente poderiam fornecer bases suficientes para a comunhão e até mesmo a reunião entre todos os cristãos e cristãs e igrejas.

##### *Variabilidade estrutural da Comunhão Anglicana*

60. Ao mesmo tempo, como vimos, a comunidade anglicana frequentemente professa uma provisoriedade baseada em princípios; o que o Arcebispo Ramsey chamou de nossa “incompletude”, à parte do Todo maior<sup>62</sup>. Esse senso de provisoriedade levou a

---

<sup>60</sup> Força-Tarefa sobre Comunhão através da Diferença, *Put Out into the Deep Water* (Vá para onde as águas são mais fundas), 17. Uma segunda força-tarefa levou o trabalho adiante em um relatório para a 81ª Convenção Geral (2024), formulando uma série de propostas de “elementos necessários de um caminho justo e sustentável para a continuidade da comunhão”, incluindo “um sistema de parcerias entre dioceses” para proteger as diferenças de consciência sobre o casamento (disponível on-line em [generalconvention.org](http://generalconvention.org)). A maioria das propostas da Força-Tarefa foram adotadas na 81ª Convenção Geral. Ver ARCIC, *Walking Together on the Way* (Caminhando Juntos o Caminho), §95.

<sup>61</sup> Ver IATDC, *Virginia Report* (Relatório Virgínia), §5.5-5.16.

<sup>62</sup> A “incompletude” da Igreja Anglicana aponta, “por meio de sua própria história, para algo do qual ela é um fragmento.... Pois ela é enviada não para se apresentar como ‘o melhor tipo de cristianismo’, mas, por sua própria fragilidade, para apontar para a Igreja universal na qual todos morreram” (Michael Ramsey, *Gospel and the*

Comunhão Anglicana, em sua afirmação do Quadrilátero de Chicago, a abraçar um *ethos* de abertura ecumênica — não em relação à fé e à ordem da Igreja, mas em relação a aspectos incidentais de sua estrutura e cultura, todos mantidos com alguma permissividade a serviço de um fim maior e universal. Na apresentação original do Quadrilátero em 1886, os bispos e bispas “declararam solenemente” sua disposição “no espírito de amor e humildade de renunciar a todas as preferências” individuais relativas a “coisas de ordem ou escolha humana, relacionadas a modos de adoração e disciplina, ou a costumes tradicionais”<sup>63</sup>. A ideia é antiga e remete ao Artigo 34 (dos 39 Artigos)<sup>64</sup>. E o acréscimo ao quarto vértice do Quadrilátero da expressão “localmente adaptada nos métodos de sua administração” decorre desse mesmo espírito, sugerindo que seria permissível ter alguma variabilidade na organização estrutural e no governo da Igreja como resultado da *episcopé*<sup>65</sup>.

61. As pessoas anglicanas descobriram a verdade desse fato na organização de seus Instrumentos da Comunhão, como testemunham os precedentes de inúmeras reformas, ajustes, acréscimos e subtrações ocorridas desde (pelo menos) a Lambeth Conference de 1897<sup>66</sup>. Além da própria criação do ACC e dos *Primates' Meetings* (ambas organizações há muito tempo previstas e experimentadas de várias formas<sup>67</sup>), podemos observar como exemplos mais recentes a série de sugestões apresentadas pelas Lambeth Conferences de 1988, 1998 e 2022<sup>68</sup>, além daquelas do Pacto Anglicano e dos sucessivos relatórios ecumênicos. Muitas não foram aceitas. Mas cada uma delas foi construída tendo as anteriores como base, na esperança de avançar no discernimento coletivo da Comunhão sobre a melhor forma de reunir e equipar as igrejas-membro em unidade e missão. Essa reunião e este equipar devem, na natureza do caso, alterar-se e variar para acomodar as necessidades e os contextos das igrejas em diferentes momentos e em diferentes lugares.

62. Por esse motivo, os últimos quatro Arcebispos de Cantuária apoiaram iniciativas para desenvolver as estruturas da Comunhão, tanto para manter a apostolicidade anglicana na fé e na missão quanto para possibilitar e incentivar o diálogo contínuo sobre assuntos difíceis<sup>69</sup>. Novamente, cada uma delas teve como base a proposta anterior, buscando

---

*Catholic Church* [O Evangelho e a Igreja Católica], citado por IASCUFO, *Towards a Symphony of Instruments* (Rumo a uma Sinfonia de Instrumentos), §5.5.4). Ver IATDC, *Communion, Conflict and Hope: The Kuala Lumpur Report of the Third Inter-Anglican Theological and Doctrinal Commission* (Comunhão, Conflito e Esperança: O Relatório de Kuala Lumpur da Terceira Comissão Inter-Anglicana Teológica e Doutrinária), (Londres: ACC, 2008), §48.

<sup>63</sup> “Chicago-Lambeth Quadrilateral.”

<sup>64</sup> Artigo 34: *Of the Traditions of the Church* (Das tradições da Igreja) (disponível on-line): “Não é necessário que as tradições e Cerimônias sejam em toda parte as mesmas, ou totalmente semelhantes; porque em todos os tempos estas foram diversas, e podem ser alteradas segundo as diversidades dos países, tempo e costumes dos homens, contanto que nada se estabeleça contrário à Palavra de Deus.”

<sup>65</sup> Uma das conquistas do *Batismo, Eucaristia e Ministério*, o marco do consenso multilateral, foi a recuperação de um ministério episcopal originário que pode assumir várias formas de acordo com as necessidades das igrejas locais. Cf. ICAOTD, *The Church of the Triune God* (A Igreja do Deus Triúno), V.13, 26.

<sup>66</sup> Lambeth Conference 1897, Resolução 5, estabelecendo o primeiro órgão que viria a se tornar o ACC: “É aconselhável que seja formado um órgão consultivo ao qual as Igrejas nacionais, províncias e dioceses extraprovinciais da Comunhão Anglicana possam recorrer, se desejarem, tanto para obter informações quanto para aconselhamento, e que o Arcebispo de Cantuária seja instado a tomar as medidas que julgar mais desejáveis para a criação desse órgão consultivo.”

<sup>67</sup> Ver Colin Podmore, *The Governance of the Church of England and the Anglican Communion* (A Governança da Igreja da Inglaterra e da Comunhão Anglicana); Igreja da Inglaterra (GS Misc 910; 2009), disponível on-line.

<sup>68</sup> LC 1988, resolução 18; LC 1998, resolução III.8; LC 2022, *Lambeth Call: Anglican Identity* (O Chamado de Lambeth: Identidade Anglicana), §§3.1-3.3.

<sup>69</sup> Arcebispo Runcie, Discurso de Abertura da Lambeth Conference (1988); IATDC, *The Virginia Report* (Relatório Virgínia), apresentado pelo Arcebispo Carey na Lambeth Conference 1998; três discursos presidenciais

cuidar de toda a família anglicana e, ao mesmo tempo, cumprindo uma obrigação formal com a Igreja da Inglaterra. Seus esforços foram, em muitos aspectos, visionários e valentes. Diante do dissenso e da paralisia, o arcebispado vem repetidamente conclamando as igrejas anglicanas a buscarem o mais alto grau possível de comunhão; e vêm buscando, com os outros instrumentos, acomodar o que a Lambeth Conference de 1920 já podia chamar de “centro de gravidade mutável” da Comunhão<sup>70</sup>.

63. Especialmente na esteira do Congresso de Toronto de 1963, sucessivas comissões, conferências e declarações também buscaram avaliar e superar as consequências do colonialismo que moldou a história de muitas igrejas-membro, ainda que não todas<sup>71</sup>. Para atingir esse objetivo, o ACC reuniu e deu voz às igrejas autônomas da Comunhão, que não estão mais dispostas como satélites da Igreja da Inglaterra (como em 1930), como hastes acessórias que levam ao centro de uma roda. O *Primates' Meeting*, por sua vez, proporcionou um complemento crítico à presidência do Arcebispo de Cantuária e uma ponte para a recepção das resoluções da Lambeth Conference pelas igrejas da Comunhão. O *foco* continuado na Sé de Cantuária parece equivocado caso isso signifique recorrer ao Arcebispo de Cantuária como o que se espera que seja um tribunal recursal ou porta-voz único em meio a conflitos e desacordos. Os *Virgínia* e *Windsor Reports* e o Pacto Anglicano propuseram uma função aprimorada para o Arcebispo de Cantuária. No entanto, a sugestão tinha pouca base histórica e não foi recebida.<sup>72</sup> O Arcebispo de Cantuária não tem o poder formal de desempenhar esse papel, o que violaria a igualdade e a mutualidade das 42 igrejas-membro da Comunhão. Ele (ou ela), além disso, sempre será o primaz de uma igreja específica, com sua própria política e doutrina, que pode ou não ser totalmente compartilhada por todas as outras igrejas da Comunhão.

#### *Livre associação na comunhão*

64. Juntamente com a evolução dos Instrumentos da Comunhão, uma série de relações de plena comunhão se desenvolveu entre uma ou mais igrejas anglicanas e igrejas fora da Comunhão. De várias maneiras, foram estabelecidos vínculos formais para incorporar o reconhecimento da profunda partilha mútua do evangelho e em questões de fé e

---

do Arcebispo Williams na Lambeth Conference 2008 em apoio ao Pacto da Comunhão Anglicana; Arcebispo Welby, Discurso Presidencial na ACC-18 (fevereiro de 2023), clamando por uma revisão do ministério do Arcebispo de Cantuária. Como disse o Arcebispo Welby, “O papel do Arcebispo de Cantuária, a Sé de Cantuária, é histórico. Os instrumentos devem mudar com o tempo”. Todos disponíveis on-line.

<sup>70</sup> Ver novamente LC 1920, “Report of the Committee Appointed to Consider Relation to and Reunion with Other Churches (Relatório do Comitê Designado para Considerar a Relação e Reunião com outras Igrejas).”

<sup>71</sup> Para citar apenas um relatório, repleto de referências a uma literatura e um debate mais amplos: Comissão Permanente Inter-Anglicana sobre Missão e Evangelismo, *Travelling together in God's Mission* (Viajando Juntos na Missão de Deus; 2001-2005), disponível on-line.

<sup>72</sup> *Windsor Report* (Relatório Windsor), §109: “Como o foco significativo da unidade, missão e ensino, a Comunhão espera que o ofício do arcebispado articule o modo de pensar da Comunhão, especialmente em áreas de controvérsia” (grifado no original). Sobre o Arcebispado de Cantuária como suposto “ponto focal” da unidade de forma mais geral, ver o *Virginia Report* (Relatório Virgínia), §§3.30-3.35; *Windsor Report* (Relatório Windsor), §99; Pacto Anglicano, §3.1.4. Cf. IASCUFO, *Towards a Symphony of Instruments* (Rumo a uma Sinfonia de Instrumentos), §3.2.6. Para uma história que demonstra o caráter experimental dessas sugestões recentes, juntamente com discussões sobre as expressões “primacy of honour” and “primus inter pares,” ver Ross, *A Still More Excellent Way* (Um Caminho Ainda Mais Excelente), 12, 111-21 *et passim*. Cf. Andrew Atherstone, “In Communion with the See of Canterbury? (Em Comunhão com a Sé de Cantuária?),” *The Global Anglican*, 138/1 (2024): 13-25. O Windsor Continuation Group, em seu “Report to the Archbishop of Canterbury (Relatório ao Arcebispo de Cantuária),” observou que “todos os/as primazes são os primeiros/as entre os bispos e bispas de suas igrejas; juntos, eles podem articular o conselho comum das Igrejas da Comunhão, informando e orientando o discernimento” (§63). Mais abrangentemente, o *Windsor Report* (Relatório Windsor) observou que “o ministério dos bispos e bispas como principais pastores e professores da fé, como o “ponto focal” da unidade e fonte do ministério,” tornou-se uma marca registrada da eclesiologia anglicana primitiva (§63, grifo nosso).

ordem. Ao exigir uma reflexão mais ampla sobre como esses relacionamentos são enunciados e conduzidos, esses vínculos enriqueceram nossos entendimentos dentro da Comunhão. Uma consequência prática é que há um claro entendimento, já há quase um século, de que estar em comunhão com a Sé de Cantuária não significa automaticamente ser membro da Comunhão Anglicana.

65. Já em 1931, a Comunhão Anglicana entrava em um relacionamento de plena comunhão com as Antigas Igrejas Católicas da União de Utrecht por meio do Acordo de Bonn. Acordos semelhantes foram firmados com a Iglesia Filipina Independiente em 1961 e com a Igreja Síria Mar Thoma de Malabar. Embora não haja expectativa de que qualquer uma delas venha a se tornar membro da Comunhão Anglicana, houve o reconhecimento, especialmente na Europa, de que as jurisdições geográficas paralelas resultantes representam um desafio sobre o qual as igrejas deveriam refletir<sup>73</sup>.
66. Diferentes expressões de plena comunhão entre as tradições eclesiais se seguiram ao estabelecimento das Igrejas Unidas do Sul e do Norte da Índia (1947, 1970), do Paquistão (1970) e de Bangladesh (1974), nas quais foram incluídas pessoas anglicanas. Estas igrejas são membros plenos das Comunhões Mundiais Cristãs de todas as suas igrejas fundadoras. A participação em qualquer uma delas não é vista como algo que inevitavelmente diminua ou prejudique a participação em outras igrejas, embora possam surgir desafios, como ocorreu com o Pacto Anglicano. A amplitude de perspectivas, experiências e relacionamentos dessas igrejas muitas vezes livrou as pessoas anglicanas de uma tendência à introspecção indevida com relação às questões que nos são apresentadas.
67. Mais recentemente, o aprofundamento dos laços entre pessoas anglicanas e luteranas levou a relacionamentos regionais de plena comunhão, como os estabelecidos por meio da Declaração de Porvoo (Europa, 1996), *Called to Common Mission* (“Chamado à Missão Comum”, EUA, 2000) e *Called to Full Communion: The Waterloo Declaration* (“Chamado à Plena Comunhão: a Declaração de Waterloo”, Canadá, 2001). A Igreja Episcopal e a Igreja da Suécia estabeleceram um relacionamento de comunhão plena em 2023. Cada um destes acordos estabelece os diferentes termos dos relacionamentos, que não se estendem automaticamente a pessoas anglicanas ou luteranas em outras partes do mundo. Há um reconhecimento implícito de que esses são passos em uma jornada necessariamente mais longa e mais ampla, em obediência ao chamado para a plena unidade visível de toda a Igreja de Deus.
68. Alguns desses relacionamentos foram impulsionados por preocupações compartilhadas; por exemplo, a missão comum e a justiça social tiveram destaque em alguns contextos anglicano-luteranos. Para outros, as questões de fé e ordem foram o que motivou as relações. Analogamente, as próprias redes da Comunhão Anglicana reúnem igrejas-membro com interesses e prioridades comuns, desde o meio ambiente até os povos indígenas, paz e justiça, juventude, liturgia e assim por diante. Os grupos regionais, como o Conselho de Províncias da África (CAPA) e o Conselho de Igrejas do Leste Asiático (CCEA), demonstraram a eficácia de uma associação próxima. A GSFA abrange esses dois modelos em seu desenvolvimento de uma estrutura focada na doutrina, oferecida tanto às igrejas da Comunhão Anglicana quanto a outras. Em todos os casos, nem centrados na Sé de Cantuária, nem organizados por ela, esses grupos

---

<sup>73</sup> *Walking Together on the Way* (Caminhando Juntos o Caminho; ARCIC) observa que, embora “a Lambeth Conference tenha evitado jurisdições paralelas”, elas podem ser encontradas na Igreja Católica “de forma estruturada”. Esse precedente poderia oferecer um “modelo eclesial” para outras, mas somente, adverte a Comissão, “sob a premissa de plena comunhão entre elas” (§98).

sustentam suas próprias iniciativas e enriquecem o compartilhamento das igrejas irmãs da Comunhão Anglicana.

69. Compartilhar nossas alegrias e tristezas, e estender os compromissos mútuos onde pudermos, é um sinal e um prenúncio de amadurecimento, uma comunhão interdependente que reflete um padrão normativo do Novo Testamento. Isso pode ser visto como uma maneira de expressar a realidade que reconhecemos da insuficiência, em última instância, do anglicanismo. Pesquisas missiológicas recentes enfatizaram a natureza policêntrica da vida e da missão cristãs desde o início – dispersas entre Antioquia, Alexandria, Roma e Jerusalém, e jamais simplesmente centralizadas.<sup>74</sup> Embora a Igreja tenha começado em Jerusalém, São Paulo incentiva os laços de afeto entre as igrejas da Ásia e da Macedônia (Atos 16:9), bem como o envio de apoio por parte das igrejas mais recentes para a Igreja de Jerusalém, que estava em dificuldades, e não o contrário (2 Cor. 9). O surgimento não forçado de relacionamentos, inclusive de plena comunhão, que abrangem tanto alguns membros da Comunhão Anglicana quanto outros órgãos eclesiais — por exemplo, os luteranos no Acordo de Porvoo, ou as igrejas parceiras da GSFA, e até a GAFCON — tem o potencial de enriquecer a vida da Comunhão e promover vínculos mais fortes em todo o cristianismo global, independentemente de essas associações derivarem de fatores doutrinários, missionários ou geográficos.

70. Embora não haja expectativa de que qualquer pessoa com quem se estabeleça um relacionamento de plena comunhão se torne membro da Comunhão Anglicana, é possível que alguns desejem isso. Atualmente, as Novas Igrejas Membros são reconhecidas por um processo estabelecido no Artigo 7.2 da Constituição do ACC, que diz o seguinte:

As Igrejas-Membro do Conselho serão as entidades listadas no Anexo destes Artigos, cada uma das quais terá o direito de enviar o número especificado de Membros às Sessões Plenárias do Conselho mencionadas no Artigo 16 abaixo; mediante o consentimento de dois terços dos Primazes da Comunhão Anglicana (que será considerado concedido se não negado por escrito dentro de quatro meses a partir da data da notificação), o Comitê Permanente poderá alterar ou expandir o Anexo<sup>75</sup>.

71. Também podem surgir questões sobre o comparecimento e a participação em reuniões dos Instrumentos da Comunhão por parte de entidades eclesiais em plena comunhão com uma ou várias igrejas-membro, mas que não estejam listadas na programação do ACC. Os bispos/as das Antigas Igrejas Católicas da União de Utrecht, por exemplo, são convidados como participantes plenos da Lambeth Conference. O Arcebispo da Igreja Anglicana na América do Norte (ACNA) foi convidado a participar de um *Primates' Meeting* em 2016. Que princípios podem aplicar-se aqui? A IASCUFO planeja contribuir com mais pesquisas sobre essa importante questão, recorrendo tanto a fontes anglicanas quanto ecumênicas.

---

<sup>74</sup> Ver, por exemplo, Allen Yeh, *Polycentric Missiology: 21st Century Mission from Everyone to Everywhere* (*Missiologia Policêntrica: Missão do século XXI de todos para todos os lugares*) (IVP Academic, 2016).

<sup>75</sup> Estatuto do Conselho Consultivo Anglicano (2006; doravante “Constituição do ACC”), Artigo 7.2; disponível on-line em [anglicancommunion.org](http://anglicancommunion.org).

## IV. Principais propostas deste documento

72. Dentro do contexto de tudo o que consideramos e exploramos acima, a IASCUFO oferece as seguintes propostas específicas para a consideração dos Instrumentos da Comunhão, especialmente antes do ACC-19, em 2026. Somos gratos pelo engajamento atencioso dos/as Primazes, de abril de 2024, e pelo Comitê Permanente do Conselho Consultivo Anglicano, que deu mais impulso e foco ao nosso trabalho. As propostas sugerem mudanças modestas, mas potencialmente de longo alcance, na conceituação e na organização da Comunhão Anglicana e de seus Instrumentos, tanto para levar em conta as mudanças ocorridas no último século quanto para incentivar um compartilhamento máximo na liderança que reflita nossa identidade e nossos ideais.

### *Primeira proposta: Revisão da descrição da Comunhão*

73. **Convidamos os Instrumentos da Comunhão a adotarem como resolução uma descrição revisada da Comunhão Anglicana.** O Primates' Meeting de abril de 2024 concordou que “uma descrição atualizada seria útil” e indicou interesse em “continuar o debate com a IASCUFO sobre sua proposta de reformulação da declaração de 1930, antes da próxima reunião do ACC<sup>76</sup>. Posteriormente, a IASCUFO continuou a conversa com o Comitê Permanente de Primazes, o Arcebispo de Cantuária e todo o Comitê Permanente do ACC. Juntos, apresentamos abaixo (no §76) uma descrição revisada da Comunhão.

74. A descrição da Comunhão Anglicana adotada pela Lambeth Conference em 1930 não poderia ter previsto a futura igualdade, mutualidade e amadurecimento das 42 igrejas irmãs da Comunhão. A frase “em comunhão com a sede de Cantuária” serviu, em 1930, como sinônimo de “plena comunhão com a Igreja da Inglaterra”.<sup>77</sup> Naquele momento de nossa história, a Igreja da Inglaterra ainda era o ponto focal e a pedra de toque de uma Comunhão que se diversificava rapidamente. Desde a fundação do ACC em 1968 e do Primates' Meeting em 1978, a Igreja da Inglaterra e sua principal Sé não funcionam mais como porta de entrada para a Comunhão Anglicana. O Primates' Meeting e o ACC, agindo de forma coordenada, cumprem essa função, conforme determinado na Constituição do ACC (ver §70, acima). Além disso, os Anglicanos agora reconhecem que a *plenitude* da comunhão com a Igreja da Inglaterra ou com a Sé de Cantuária não é um requisito para qualquer igreja da Comunhão. Em vez disso, todos juntos buscam o mais alto grau de comunhão possível, uns com os outros. Em todos os aspectos, e por várias outras razões enumeradas abaixo, descrever a Comunhão novamente ajudará os Anglicanos a pensar e falar de forma mais verdadeira e realista sobre o que ainda compartilhamos e confiamos que somos chamados a fazer.

75. Pode haver razões para se pensar que uma descrição totalmente nova da Comunhão seria atraente. Muitas descrições desse tipo poderiam ser oferecidas, em sintonia com um e outro aspecto ou ideal da vida em conjunto Anglicana. A IASCUFO, no entanto,

---

<sup>76</sup> “Comunicado” do Primates' Meeting (2 de maio de 2024), §12: “Tendo em vista as mudanças nos Instrumentos da Comunhão desde 1930 e nosso chamado contínuo para buscar a plena comunhão uns com os outros, concordamos com a IASCUFO que uma descrição atualizada [da Comunhão] será útil. O Primates' Meeting antecipa uma conversa contínua com a IASCUFO sobre sua proposta de reformulação da declaração de 1930, antes da próxima reunião do ACC.”

<sup>77</sup> Ver IASCUFO, *Towards a Symphony of Instruments* (Rumo a uma Sinfonia de Instrumentos), §3.4.3: “Por meio da comunhão com o Arcebispo de Cantuária, as Igrejas Anglicanas são mantidas em comunhão com a Igreja da Inglaterra e entre si, enquanto as Igrejas que estão em comunhão com a Comunhão Anglicana também estão em comunhão com a Sé de Cantuária” (grifo nosso). Ver, novamente, Lambeth Conference 1930, Resolução 49, à luz da primeira frase da encíclica da mesma conferência (ver nota 7 acima).



preferiu sugerir uma revisão restrita da resolução 49 da Lambeth Conference de 1930, não apenas por respeito ao seu status clássico. Sua cristalização de compromissos fundamentais ainda ressoa com a vocação da Comunhão Anglicana de igrejas, à medida que ouvimos o testemunho das Escrituras e uns dos outros no século que se seguiu.

76. Apresentamos aqui nossa revisão da descrição de 1930 da Comunhão Anglicana para a consideração do ACC-19, seguida de breves comentários explicativos. Um apêndice a este documento anota todas as adições e exclusões com mais detalhes.

**(Proposta de) Declaração da natureza e status da Comunhão Anglicana, conforme esse termo é usado na Constituição do Conselho Consultivo Anglicano**

*A Comunhão Anglicana é uma comunhão, dentro da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, de suas devidamente constituídas dioceses, províncias ou igrejas regionais, que têm as seguintes características em comum:*

- a. Buscam defender e propagar a fé e a ordem católica e apostólica, conforme geralmente estabelecidas no Livro de Oração Comum e conforme autorizado em suas Igrejas distintas;*
- b. São autônomas e, como tal, promovem em cada um de seus territórios uma expressão local da fé, vida e adoração cristãs; e*
- c. As unem sua tradição compartilhada, serviço mútuo, aconselhamento partilhado (de bispos/as e outros/as) na conferência e conexão histórica com a Sé da Cantuária, por meio da qual buscam, de forma interdependente, fomentar o mais alto grau de comunhão possível entre si.*

*Fazemos esta declaração orando e aguardando ansiosamente o momento em que as Igrejas da atual Comunhão Anglicana entrarão em comunhão total com outras partes da Igreja Católica não definíveis como anglicanas no sentido acima, como um passo em direção à união final de toda a cristandade em uma irmandade visivelmente unida.*

77. As Igrejas-membro da Comunhão são *devidamente constituídas* nos níveis de dioceses, províncias ou igrejas regionais à medida que se enquadram nas estruturas e cânones locais de forma ordenada e reconhecível e, no nível da Comunhão, à medida que são adicionadas à lista de membros, de acordo com a Constituição do ACC (Artigo 7.2: ver §70, acima). A *Comunhão com a Sé de Cantuária* não faz mais parte da descrição, mas é incorporada à lista de características vinculativas, abaixo (c), em forma alterada. Como em 1930, a Comunhão é chamada de *fraternidade* dentro da Igreja Católica. De forma descritiva e esperançosa, diz-se que as igrejas da Comunhão (a) *buscam* manter e propagar a fé e a ordem Católica e Apostólica, conforme estabelecido no Livro de Oração Comum. Como sempre, (b) eles são devidamente autônomos, enraizados em suas diversas localidades. E (c) eles permanecem *unidos* em quatro aspectos: “através de sua herança compartilhada, serviço mútuo, aconselhamento partilhado em diálogo e conexão histórica com a Sé de Cantuária.” Cumulativamente, essas quatro características capturam a realidade atual e os ideais das igrejas da Comunhão, pelos quais elas “buscam promover o mais alto grau de comunhão” entre si e com todas as igrejas e comunidades da Igreja Universal.

78. Com relação às quatro características de vinculação listadas na letra (c), vários aspectos podem ser observados, os quais são abordados mais detalhadamente no Apêndice. Primeiro, embora as tradições variem corretamente entre os Anglicanos, de acordo com o Artigo 34 (ver §60, acima), as igrejas Anglicanas compartilham uma rica herança de

fé e ordem católica e apostólica, alimentada pela oração comum. Segundo, *serviço mútuo* denomina uma característica e um chamado inquestionáveis da obediência Cristã em amor, que pode ser prestado livremente por todos os cristãos, sem expectativa de retorno, inclusive por aqueles divididos uns dos outros por diferentes razões. Terceiro, embora o conselho comum *dos bispos/as* permaneça basal para a eclesiologia Anglicana nas instituições da Lambeth Conference e do Primates' Meeting, que têm responsabilidades colegiais e comunitárias pela fé e ordem da Comunhão, não faz mais sentido pensar em *conselho* na Comunhão Anglicana como algo exclusivamente episcopal, tendo em vista o Conselho Consultivo Anglicano e outras reuniões Inter-Anglicanas. Quarto, a Sé de Cantuária, a primeira sede da Comunhão Anglicana, é um símbolo do caráter apostólico da Comunhão Anglicana e serve como uma pedra de toque da unidade Anglicana, razão pela qual o Arcebispo de Cantuária é corretamente entendido como um Instrumento da Comunhão. O caráter irrefutável da conexão histórica com a Cantuária, que todos os Anglicanos compartilham, é vivenciado em inúmeros contextos e relacionamentos e, especialmente, dentro do colégio de primazes e do episcopado coletivo. Teremos mais a dizer sobre o ministério do Arcebispo de Cantuária logo abaixo (nos §§79 e 82 et seq.).

79. Com relação à prática comum de extrair a frase “em comunhão com a Sé de Cantuária” da descrição de 1930 e tomá-la como um resumo da identidade Anglicana, a IASCUFO acredita que essa prática não pode e não deve mais ser entendida como normativa. A comunhão com a Sé de Cantuária continua sendo salutar e, por essa razão, pode ser buscada e pode ser especialmente apreciada por muitas igrejas da Comunhão. As constituições e os cânones das igrejas da Comunhão são livres para especificar seu próprio compromisso com a “comunhão com a Sé de Cantuária”. Ao mesmo tempo, essa comunhão não deve ser esperada em nenhuma constituição ou cânone provincial, nem precisa ser afirmada univocamente por todas as igrejas-membro. Algum grau de liberdade é adequado e apropriado.
80. Uma nova frase sintética que capte adequadamente a identidade Anglicana pode aparecer com o tempo, talvez por resolução de um dos instrumentos.<sup>78</sup> Nossa própria síntese em única frase de descrição atualizada da Comunhão, poderia ser assim: “A Comunhão Anglicana é uma irmandade de igrejas episcopais autônomas unidas por sua herança compartilhada, serviço mútuo, aconselhamento partilhado, conexão histórica com a Sé de Cantuária e compromisso de buscar a plena comunhão uns com os outros e com a Igreja mais ampla.”
81. Quando a ACC-18 solicitou à IASCUFO que prosseguisse com o presente projeto, ela especificou em sua Resolução 3(a) que “quaisquer propostas que possam afetar a Constituição do ACC” fossem levadas para discussão plenária no ACC-19. A Constituição do ACC define suas igrejas-membro como “em comunhão com o Arcebispo de Cantuária”<sup>79</sup>. A IASCUFO está agora trabalhando com o Comitê

---

<sup>78</sup> Já na Lambeth Conference de 1948, o relatório sobre a Comunhão Anglicana estava buscando novas metáforas. “A Comunhão Anglicana hoje”, escreveram os bispos/as, “é como um rio composto de riachos, cada um dos quais passa por um país diferente, cada um com uma coloração influenciada pelo solo pelo qual passa, cada um dando o seu melhor para a força total do rio, fluindo em direção ao oceano simbólico de uma comunidade maior, quando a própria Comunhão Anglicana se tornará novamente parte de uma cristandade reunida”. Assim, “o padrão é uma série de províncias, cada uma autônoma em sua própria esfera, e cada uma em plena comunhão com a Comunhão Anglicana” (Report IV: The Anglican Communion in *The Lambeth Conference 1948: The Encyclical Letter from the Bishops, together with Resolutions and Reports*) (Relatório IV: A Comunhão Anglicana em A Carta Encíclica de Bispos e Bispas, em Conjunto com Resoluções e Relatórios) [Londres: SPCK, 1948], parte II, p. 83, grifo nosso). Cf. IATDC, *Virginia Report* (Relatório Virgínia), §§3.30-3.35.

<sup>79</sup> Constituição do ACC, Artigo 2.1.

Permanente do ACC a fim de considerar uma nova linguagem para a Constituição, à luz da direção de jornada acima mencionada. Este trabalho será apresentado antes do ACC-19. Por outro lado, esperamos que a próxima reunião da Lambeth Conference dedique atenção constante à identidade e à vocação da Comunhão Anglicana, a fim de promover nosso entendimento compartilhado e aprofundar nosso compromisso coletivo.

### *Segunda Proposta: Liderança ampliada dos Instrumentos*

82. **Convidamos os Instrumentos da Comunhão a considerar maneiras de ampliar os meios pelos quais seus encontros são anunciados, convocados, dirigidos e presididos.** O Primates' Meeting de abril de 2024 “acolheu sugestões e discussões adicionais a esse respeito da IASCUFO e de outros” e “começou a discutir formas de auxiliar e ampliar aspectos do ministério do Arcebispo de Cantuária na Comunhão, inclusive por meio do trabalho de Primazes Regionais que formam o Comitê Permanente de Primazes<sup>80</sup>”. A IASCUFO posteriormente continuou a conversa com o Comitê Permanente dos Primazes, o Arcebispo de Cantuária e todo o Comitê Permanente do ACC. Em conjunto, apresentamos as seguintes sugestões para a consideração dos Instrumentos, particularmente (no §84) para o ACC-19 e para o próximo Primates' Meeting.
83. Nas últimas décadas, as reuniões da Lambeth Conference, de Primazes e do Conselho Consultivo Anglicano têm se tornado cada vez mais colaborativas. Um Grupo de Projeto, composto por líderes de toda a Comunhão Anglicana, trabalha com o Arcebispo de Cantuária a fim de planejar a Lambeth Conference, incorporando o apoio financeiro do ACC e a consulta recomendada com os/as primazes<sup>81</sup>. Desde pelo menos 2016, os/as Primazes têm se revezado na presidência das sessões do Primates' Meeting, e o Comitê Permanente de Primazes tem ajudado a delinear as agendas com antecedência. As reuniões do ACC e do Comitê Permanente são organizadas pelo Dirigente e pelo Vice-Dirigente do ACC, aos quais o Arcebispo de Cantuária e sua equipe recorrem. Em todos os casos, o Secretário Geral e a equipe do Anglican Communion Office na auxiliam no planejamento, na organização e na execução das reuniões.
84. *Seria um próximo passo natural e adequado (a) introduzir uma presidência rotativa do ACC entre as cinco regiões da Comunhão, eleita entre os membros do Primates' Meeting; e (b) para que o Comitê Permanente de Primazes desempenhe um papel no chamado e na convocação tanto do Primates' Meeting quanto da Lambeth Conference.* O/a Presidente deve servir por um período de 6 anos em conjunto com o/a Dirigente e Vice-Dirigente do ACC (ver Artigo 8.3 da Constituição) e servirá simultaneamente como primaz regional para a região pertinente no Comitê Permanente de Primazes. O/a Presidente não assumiria nenhum poder além daqueles já atribuídos na Constituição do ACC, em conjunto com aqueles atribuídos de forma semelhante ao/à Presidente, Vice-

---

<sup>80</sup> “Comunicado” do Primates' Meeting (2 May 2024), §§13-14. Embora os primazes não tenham apoiado “a perspectiva de um primaz eleito que pudesse servir ao lado do Arcebispo de Cantuária e dos outros Instrumentos da Comunhão como presidente do Primates' Meeting”, eles “começaram a discutir maneiras de auxiliar e ampliar aspectos do ministério do Arcebispo de Cantuária na Comunhão, inclusive por meio dos Primazes Regionais que formam o Comitê Permanente de Primazes”. Agradecemos sugestões e conversas adicionais a esse respeito de parte da IASCUFO e outros”.

<sup>81</sup> A Constituição do ACC especifica que ele “facilitará o trabalho cooperativo das Igrejas-membros da Comunhão Anglicana em conjunto com... as Lambeth Conferences” (Artigo 5.1); “auxiliará” a Lambeth Conference” como e quando necessário” (Artigo 5.12); e “nomeará... o ‘Comitê Inter-Anglicano de Finanças e Administração’, que será responsável pela coordenação das finanças exigidas pela... Lambeth Conference” (Artigo 14.1). Sobre a consulta primária, ver Lambeth Conference 1978, resoluções 12 e 13.

Dirigente e Secretário/a Geral. De acordo com a Constituição, o/a Presidente do ACC desempenha um papel consultivo (consulte o Artigo 8.2.3), de consentimento (8.7.4; 16.1; 16.4; 17.1; 27.1; 27.2), de concordância (12.3) e, de outra forma, *ex officio* (7.1). Em grande parte simbólico, o/a Presidente do ACC fornece *um controle e equilíbrio para auxiliar o ACC em seu serviço à Comunhão mais ampla*.

85. A perspectiva de um/a presidente rotativo/a do ACC entre as cinco regiões da Comunhão, juntamente com uma liderança ampliada no Primates' Meeting, acrescentaria uma diversificação bem-vinda e esperada à face dos Instrumentos da Comunhão. A liderança da Comunhão deve se parecer com a Comunhão. Já na Lambeth Conference de 1968, bispos e bispas faziam referência à presidência da Comunhão como “atualmente exercida pelo ocupante da sede histórica de Cantuária”<sup>82</sup>. Em seu discurso de 2023 para o ACC-18, o Arcebispo Welby observou que “o papel do Arcebispo de Cantuária, a Sé de Cantuária, é histórico. Os Instrumentos devem mudar com o tempo”. Isso diz respeito à identidade e aos ideais da Comunhão Anglicana em uma era pós-colonial. Deixar de lado a expectativa de que o Arcebispo de Cantuária convoque e presida todas as reuniões da Comunhão permitirá que os aspectos pessoais e pastorais do ministério do arcebispo sejam dados e recebidos.
86. O Arcebispo de Cantuária, como o mais antigo Instrumento da Comunhão, deve continuar a prestar serviços históricos e pastorais à família Anglicana e ao mundo cristão em geral, de acordo com o carisma do cargo. O ministério é pessoal e complementa a responsabilidade principal dos outros instrumentos de buscar e apoiar o conselho comum. O arcebispo é convidado a servir, encorajar e persuadir, como um irmão ou irmã entre irmãos e colegas, particularmente no colégio da Lambeth Conference e do Primates' Meeting<sup>83</sup>. Remontando ao envio de Agostinho de Cantuária para a Inglaterra pelo Papa Gregório Magno em 597, a Sé de Cantuária também é um símbolo do caráter apostólico da Comunhão Anglicana de igrejas.
87. Sujeito à concordância do ACC, um/a Presidente rotativo/a poderia trabalhar com o Comitê Permanente, o Arcebispo de Cantuária e o Anglican Communion Office para ajudar a convocar e sediar o Grupo de Projeto de Lambeth (*Lambeth Design Group*) e a Lambeth Conference, bem como o Primates' Meeting. Isso poderia encorajar o episcopado coletivo da Comunhão Anglicana a ver a Lambeth Conference como algo que lhes cabe moldar de acordo com suas próprias necessidades. Da mesma forma, o Primates' Meeting poderia demonstrar a paridade dos participantes em sua convocação e organização. Todos e todas estão em pé de igualdade.

---

<sup>82</sup> “Relatório da Seção III: The Renewal of the Church in Unity” in *The Lambeth Conference 1968: Resolutions and Reports* [Lambeth Conference, 1968: Resoluções e Relatórios, Londres: SPCK, 1968], 137, grifo nosso). Cf. IATDC, *Virginia Report* (Relatório Virgínia), §6.6.

<sup>83</sup> IASCUFO, *Towards a Symphony of Instruments* (Rumo a uma Sinfonia de Instrumentos), §3.4.7; cf. §3.2.4. Cf. Windsor Continuation Group, “Report to the Archbishop of Canterbury,” §63, seguindo os argumentos de *Baptism, Eucharist and Ministry* (Batismo, Eucaristia e Ministério) e *The Virginia Report* (Relatório Virgínia); “Embora o ministério em nível global precise ser pessoal, ele também deve ter dimensões colegiais e comunitárias.” Dessa forma, a primazia do Arcebispo de Cantuária “deve ser exercida em conjunto com o colégio de bispos/as, uma colegialidade que se concentra na Lambeth Conference e também com outros primazes da Comunhão Anglicana.” Cf. IATDC, *Communion, Conflict and Hope* (Comunhão, Conflito e Esperança), §113; ICAOTD, *The Church of the Triune God* (A Igreja do Deus Triúno), V.1. O Sínodo Geral da Igreja da Inglaterra, em julho de 2023, concordou em variar o procedimento de seleção do próximo Arcebispo de Cantuária, “para dar mais voz à Comunhão Anglicana”, incluindo cinco membros de outras províncias da Comunhão Anglicana na Comissão de Nomeações da Coroa de Cantuária. (GS Misc 2260 §5; cf. General Synod of the Church of England, *Standing Orders* [Ordens Permanentes; Fev. 2024 edn.], 139(2)(a)(ii): ambos disponíveis on-line). Cf. LC 1988, resolução 18.2(b) para compreensão de uma abordagem anterior deste ponto.

88. A questão de representar a Comunhão Anglicana para outras igrejas, sem dúvida, também merece uma nova reflexão. Com exceção do Patriarcado Ecumênico, todas as outras comunhões cristãs mundiais – Católica Romana, Luterana, Reformada, Metodista, Pentecostal e outras – atualmente têm um/a presidente com responsabilidades variadas que pode vir de qualquer uma de suas igrejas-membro. Caso o ACC considere interessante a sugestão de uma presidência rotativa, então o “rosto” das 42 igrejas irmãs da Comunhão poderia ser, em ocasiões e circunstâncias diferentes, o Arcebispo de Cantuária, o/a Presidente ou Dirigente do ACC, o/a Secretário Geral ou uma combinação desses. Em sua discussão sobre essa proposta, o Comitê Permanente concordou que o/a Presidente do ACC deve continuar sendo um/a primaz, de modo que uma pessoa com reconhecida senioridade possa ser chamada quando necessário.
89. Novamente, a Resolução 3(a) do ACC-18 especificou que a IASCUFO deveria trazer quaisquer propostas que possam afetar a Constituição do ACC para discussão integral no ACC-19. A IASCUFO vem trabalhando com o Comitê Permanente do ACC para elaborar revisões da Constituição com relação à sua presidência. Isso será apresentado antes do ACC-19. Por outro lado, esperamos que o próximo Arcebispo de Cantuária dê as boas-vindas ao desenvolvimento e que o Primates’ Meeting aceite a proposta de eleger, entre seus membros, um/a primeiro/a Presidente do ACC, de uma das cinco regiões da Comunhão. Sugerimos que os/as primazes considerem um sorteio a fim de determinar a ordem de rotação das regiões, e que primazes de cada região sejam encarregados/as de eleger o/a Presidente quando chegar a sua vez.

## V. Sugestões para Próximos Passos

90. Em resumo, além de muitas outras sugestões, a IASCUFO propõe as seguintes medidas relativas à renovação dos Instrumentos da Comunhão, a fim de permitir que a Comunhão Anglicana sirva mais seguramente à unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade da Igreja.
91. (i) **A descrição da Comunhão feita pela Lambeth Conference de 1930 deve ser revisada e atualizada.** A IASCUFO e o Comitê Permanente do ACC (incorporando o Comitê Permanente de Primazes e o Arcebispo de Cantuária) propõem a seguinte "Declaração da natureza e status da Comunhão Anglicana", para a consideração do ACC-19. *Um apêndice a este documento anota todas as adições e exclusões da declaração de 1930 com mais detalhes.*

### ***(Proposta de) Declaração da natureza e status da Comunhão Anglicana, conforme esse termo é usado na Constituição do Conselho Consultivo Anglicano***

*A Comunhão Anglicana é uma comunhão, dentro da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, de suas devidamente constituídas dioceses, províncias ou igrejas regionais, que têm as seguintes características em comum:*

- a. Buscam defender e propagar a fé e a ordem católica e apostólica, conforme geralmente estabelecidas no Livro de Oração Comum e conforme autorizado em suas Igrejas distintas;*
- b. São autônomas e, como tal, promovem em cada um de seus territórios uma expressão local da fé, vida e adoração cristãs; e*

- c. *As unem sua herança compartilhada, serviço mútuo, aconselhamento partilhado (de bispos/as e outros/as) em conferência, e em conexão histórica com a Sé de Cantuária, por meio da qual buscam fomentar, de forma interdependente o mais alto grau de comunhão possível entre si.*

*Fazemos esta declaração orando e aguardando ansiosamente o momento em que as Igrejas da atual Comunhão Anglicana entrarão em comunhão total com outras partes da Igreja Católica não definíveis como anglicanas no sentido acima, como um passo em direção ao juntar-se, em última instância, de toda a cristandade em uma comunhão visivelmente unida.*

92. A Resolução 3(a) do ACC-18 solicitou que "quaisquer propostas que possam afetar a Constituição do ACC" sejam levadas para discussão completa no ACC-19. A Constituição do ACC define suas igrejas-membro como "em comunhão com o Arcebispo de Cantuária"<sup>84</sup>. A IASCUFO está agora trabalhando com o Comitê Permanente do ACC para considerar uma nova linguagem para a Constituição, à luz da direção de viagem acima mencionada. Isso será apresentado antes do ACC-19.
93. O **Conselho Consultivo Anglicano** deveria considerar a adoção de uma presidência rotativa entre as cinco regiões da Comunhão, eleita entre os membros do Primates' Meeting. A perspectiva de um/a presidente rotativo/a do ACC vai agregar uma diversificação bem-vinda e esperada à face dos Instrumentos da Comunhão. O/a Presidente não assumiria nenhum poder além daqueles já atribuídos pela Constituição do ACC, em conjunto com aqueles atribuídos de forma semelhante ao/à Dirigente, Vice-Dirigente e Secretário/a Geral. O/a Arcebispo de Cantuária permaneceria como membro *ex officio* do ACC, com voz, mas sem voto. No momento, a IASCUFO está trabalhando com o Comitê Permanente do ACC a fim de elaborar revisões da Constituição com relação à sua presidência. De acordo com o Artigo 27.3 da Constituição, as emendas "devem ser feitas somente após serem apresentadas e aprovadas por uma maioria não inferior a dois terços de membros presentes e votantes em uma Sessão Plenária do Conselho"<sup>85</sup>.
94. Para consideração do ACC, e por solicitação de um Grupo de Trabalho do Comitê Permanente, já concluído, também propomos os seguintes ajustes adicionais, a serviço de uma expansão da liderança na Comunhão:
- a. Que os membros do ACC ou do Comitê Permanente mudarem de status (de membro leigo para ordenado, ou de padre para bispo ou bispa), estes devem deixar o cargo. Tais membros poderão ser reeleitos para o Comitê Permanente posteriormente.
  - b. A composição especificada do Comitê Permanente deve ser revisada para obter uma representação mais equilibrada. Esta composição deve buscar principalmente uma representação mais intencional de toda a extensão das igrejas da Comunhão. Atualmente, a Constituição do ACC faz isso apenas por meio dos/as cinco primazes (costumeiramente, um/a primaz eleito/a para cada região geográfica pelos/as outros/as primazes daquela região), que atuam como membros automáticos do Comitê Permanente do ACC. Embora este método garanta alguma representação regional (com base no método habitual usado pelos/as primazes), ele não assegura o mesmo para os outros membros eleitos do ACC, que podem ser bispos e bispas,

---

<sup>84</sup> Constituição do ACC, Artigo 2.1.

<sup>85</sup> Constituição do ACC, Artigo 27.3.

padres/diáconos/as ou leigos/as. Também deve haver provisão adequado para garantir a voz das pessoas leigas no Comitê Permanente do ACC. Portanto, propomos que o Comitê Permanente seja composto da seguinte forma:

- O/a Presidente, eleito/a pelo Primates' Meeting imediatamente antes ou imediatamente após a reunião trienal do ACC para um mandato de seis anos, em conjunto com os mandatos de Dirigente e de Vice-Dirigente
- Dirigente e Vice-Dirigente (um/a deve ser um membro leigo)
- Os/as outros/as quatro Primazes regionais que compõem o Comitê Permanente de Primazes (levando em conta a participação do/a Presidente como o quinto membro do Comitê Permanente de Primazes)
- Um grupo adicional (possivelmente 12) de membros do ACC eleitos pelos membros não primazes do ACC, dos quais pelo menos metade deles deve ser leiga.
- O/a Arcebispo/a de Cantuária, *ex officio* (com voz, mas sem voto)

c. Para a eleição de doze outros membros, algum mecanismo deve ser desenvolvido para garantir, na medida do possível, a maior diversidade regional possível de igrejas da Comunhão, tendo em mente aquelas já representadas pelo/a Presidente, Dirigente e Vice-Dirigente. Isso exigirá mais trabalhos e consultas.

95. O **Primates' Meeting** ele deve eleger dentre seus membros um/a primeiro/a Presidente do ACC, de uma das cinco regiões da Comunhão. A IASCUFO sugere que os/as primazes considerem a possibilidade de determinar de forma aleatória a ordem de rotação das regiões, e que os/as primazes de cada região sejam encarregados/as de eleger o/a Presidente quando chegar a sua vez. O Primates' Meeting também deve considerar um papel mais importante para seu Comitê Permanente de cinco primazes regionais, a fim de ampliar a liderança da Comunhão. O Comitê Permanente de Primazes poderia desempenhar um papel na convocação e reunião tanto do Primates' Meeting quanto da Lambeth Conference, em colaboração com o Arcebispo de Cantuária e a liderança do ACC, incluindo o/a Secretário/a Geral.

96. Uma vez que o ACC trabalha em conjunto com a Lambeth Conference e o Primates' Meeting para auxiliar as igrejas da Comunhão a articularem a fé e a ordem que elas compartilham, a estreita colaboração de todos os três instrumentos é essencial.<sup>86</sup> A Lambeth Conference de 1998, quando incentivou “uma integração mais clara” do ACC e do Primates' Meeting, sugeriu uma potencial “mudança em nome do Conselho Consultivo Anglicano”<sup>87</sup>. Tal ideia pode ter mérito no futuro, conforme Anglicanos e Anglicanas continuarem a discernir o caráter sinódico da Igreja em cada nível<sup>88</sup>. Caso

---

<sup>86</sup> Constituição do ACC, Artigo 5.1. Ver LC 1988, resolução 52, “Primates' Meeting e ACC”: “Esta Conferência solicita que o Primates' Meeting e o Conselho Consultivo Anglicano dediquem atenção urgente à implementação da esperança expressa em Lambeth 1978 (e confirmada pelas recentes respostas provinciais) de que ambos os órgãos trabalhariam em contato mais próximo.” Cf. LC 1988, resolução 18.5: “Recomendar que o ACC continue a cumprir as funções definidas em sua Constituição (desenvolvida como consequência da Resolução 69 da Lambeth Conference de 1968) e afirmadas pelo processo de avaliação relatado ao ACC-6 (ver “Bonds of Affection”, pp. 23-27); em particular, continuar suas funções consultivas, de assessoria, de ligação e de comunicação dentro da Comunhão (e fazê-lo em estreita cooperação com o Primates' Meeting).” Cf. IASCUFO, *Towards a Symphony of Instruments* (Rumo a uma Sinfonia de Instrumentos), §§5.3.1, 5.4.3-5.4.4, *et passim*; ARCIC, *Walking Together on the Way* (Caminhando Juntos o Caminho), §141.

<sup>87</sup> LC 1998, resolução III.6(a), (c), (d)(iii) *et passim*, reafirmando a resolução 18.2(a) da LC 1988. Cf. a discussão histórica da IASCUFO sobre cada instrumento nas seções quatro e cinco de *Towards a Symphony of Instruments* (Rumo a uma Sinfonia de Instrumentos).

<sup>88</sup> Ver ARCIC, *The Gift of Authority* (A Dádiva da Autoridade, 1998), §§34-40, 45, 52-55; disponível on-line. Cf. ARCIC, *Walking Together on the Way* (Caminhando Juntos o Caminho).

e conforme a liderança ampliada do Primates' Meeting se torne regular, seu serviço continuado da Comunhão e integração com os outros Instrumentos se tornarão mais claros.

97. O **Arcebispo de Cantuária**, como o mais antigo Instrumento da Comunhão, deve continuar a prestar serviços históricos e pastorais à família Anglicana e ao mundo cristão em geral, de acordo com o carisma do cargo. O ministério é pessoal e complementa a responsabilidade principal dos outros instrumentos de buscar e apoiar o conselho comum. O arcebispo é convidado a servir, encorajar e persuadir, como um irmão ou irmã entre irmãos e colegas, particularmente no colégio da Lambeth Conference e do Primates' Meeting. Remontando ao envio de Agostinho de Cantuária para a Inglaterra pelo Papa Gregório Magno em 597, a Sé de Cantuária também é um símbolo do caráter apostólico da Comunhão Anglicana de igrejas.
98. A **Lambeth Conference** decenal deve continuar sendo a mais antiga reunião anglicana, para permitir que bispos e bispas possam orar, deliberar e discutir juntos e juntas, bem como para abordar — e, quando possível, resolver — questões que afetam a vida e a missão que compartilham<sup>89</sup>. A IASCUFO sugere que a conferência seja convocada e organizada pelo Arcebispo de Cantuária, pelo/a Presidente e Dirigente do ACC (representando o Comitê Permanente) e pelo/a Secretário/a Geral, que juntos supervisionariam o trabalho de um Grupo de Projeto. O Grupo de Projeto poderia considerar:
- a. se seria sábio retornar à prática anterior de limitar a participação aos bispos e bispas de dioceses para permitir uma reunião mais gerenciável e acessível<sup>90</sup>;
  - b. Caso o momento seja propício para que a próxima Lambeth Conference seja realizada em outro lugar que não seja a Cantuária, uma ideia que foi discutida pela primeira vez há quase 50 anos pela Lambeth Conference de 1978<sup>91</sup>. A Cantuária comporta conotações poderosas de peregrinação histórica e simbólica, mas a história da peregrinação missionária contínua da Comunhão Anglicana também é simbólica e poderosa. A IASCUFO acredita que o ministério compartilhado de todos os bispos e bispas ao redor do mundo será melhor visto e celebrado por uma próxima Lambeth Conference (em 2032 ou mais tarde) realizada na África ou na Ásia. Além de demonstrar o crescimento e a vitalidade da Comunhão além de suas origens inglesas, a mudança de local da conferência também ajudará a resolver problemas de acesso e participação com relação a obtenção de vistos. Se e quando a Lambeth Conference for realizada fora da Inglaterra, ela deve manter seu nome como uma evocação histórica e simbólica (assim como a Lausanne Conference, fundada mais recentemente, que se desloca pelo mundo, mas que, ainda assim, mantém o nome de sua origem suíça).

---

<sup>89</sup> Ver Pacto da Comunhão Anglicana, §3.1.4 (citado por IASCUFO, *Rumo a uma Sinfonia de Instrumentos*, §2.2.2): a Lambeth Conference “expressa a colegialidade episcopal em todo o mundo e reúne os/as bispos/as para louvor, conselhos, consultas e encorajamento no seu ministério de guardar a fé e unidade da Comunhão e de preparar os santos para a obra do ministério (Ef. 4:12) e missão”.

<sup>90</sup> Ver LC 1998, resolução III.7 para obter uma versão anterior desta recomendação.

<sup>91</sup> Lambeth Conference 1978, Resolução 13: “Embora reconheçamos o grande valor que muitos dão ao vínculo com a Cantuária, acreditamos que uma Lambeth Conference poderia, de fato, ser realizada em alguma outra província.”



c. a possibilidade de outras reuniões regionais de bispos e bispas como complemento à reunião decenal da Lambeth Conference<sup>92</sup>.

## VI. Conclusão

99. Neste documento, defendemos vários ajustes bem-vindos nos Instrumentos da Comunhão Anglicana, com o objetivo de reafirmar e reivindicar os ideais, os compromissos e a vocação do anglicanismo. Oferecemos essas sugestões em uma abordagem parcial das profundas diferenças e divisões entre os anglicanos. Sem dúvida, serão necessários alguns anos para que as igrejas da Comunhão recuperem uma confiança adequada umas nas outras. Essa recuperação é possível na medida em que enfrentarmos nossos desafios atuais e falarmos honestamente sobre a necessidade de uma reforma sábia (ver Romanos 8:18). A comunhão que compartilhamos será mais forte - mais confiante, mais articulada sobre a fé e estruturada de forma mais equitativa e igualitária - à medida que nos engajarmos nessas conversas de forma séria e caridosa, com gratidão por tudo o que Deus fez e fará, “mais do que tudo o que pedimos ou pensamos” (Ef 3:20).
100. Remetendo-nos aos apelos visionários das Lambeth Conferences de 1920 e 1930, conseguimos encontrar um chamado inspirador para abraçar o que já havia surgido há 100 anos como uma surpreendente colheita de missões — em grande parte da África, bem como no subcontinente indiano, na China, no Japão e em outros lugares da Ásia, além de igrejas mais antigas nas Américas, na Australásia e nas Ilhas Britânicas. Esses chamados à comunhão continuam a ser nossos e exigem um planejamento não menos imaginativo do que o que nossos antepassados tentaram realizar: crescer para além de nossas origens étnicas e culturais, tornando-nos um todo maior e mais diversificado. Em nossos dias, assim como nos dias de nossos antepassados, Anglicanos e Anglicanas precisam estabelecer ideais que nos estimulem a crescer e, ao mesmo tempo, permaneçam enraizados no caráter autoevidente da fé e da ordem católica e apostólica. Precisamos reconhecer o fato das pluralidades e diferenças em nossas igrejas e culturas. E precisamos nos comprometer a buscar um grau mais elevado de comunhão, fundamentado em tudo que ainda compartilhamos e que nos unem: uma herança compartilhada, serviço mútuo, aconselhamento partilhados em conferência, serviço mútuo e uma conexão histórica com o local mais antigo de nossa memória coletiva e envio missionário.
101. As igrejas da Comunhão Anglicana convivem hoje com várias feridas, que devemos colocar diante de Deus com humildade e penitência, buscando a cura. Ao fazer isso, apressaremos a cura do único corpo da única Igreja. A IASCUFO oferece as propostas no presente documento como uma próxima etapa dessa jornada de comunhão em Cristo pelo bem do mundo (João 17:21). Que Deus nos torne fiéis em nosso discernimento e a nos una em amor e obediência a Ele, em seu Filho, pelo seu Espírito.

---

<sup>92</sup> Ver Lambeth Conference 1988, Resolução 18.4, e o comentário anexado no final: “Questões regionais precisam de soluções regionais. As conferências regionais também podem proporcionar uma representação mais ampla.”

# Apêndice

## Descrição atualizada da Comunhão Anglicana com alterações anotadas da Resolução 49 da Lambeth Conference de 1930

A Comunhão Anglicana é uma comunhão, dentro da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, de suas devidamente constituídas [1] dioceses, províncias ou igrejas regionais ~~em comunhão com a Sé de Cantuária~~ [2], que têm as seguintes características em comum:

- a. **Buscam** [3] defender e propagar a fé e a ordem católica e apostólica, conforme geralmente estabelecidas no Livro de Oração Comum e conforme autorizado em suas ~~diversas Igrejas~~ **distintas** [4];
- b. São [igrejas] ~~particulares ou nacionais~~ **autônomas** [5] e, como tal, promovem em cada um de seus territórios uma expressão ~~nacional~~ **local** [6] da fé, vida e adoração cristãs; e
- c. As unem ~~não uma autoridade central legislativa e executiva [7], mas sua lealdade mútua [8] sustentada através da sua~~ **herança compartilhada** [9], **serviço mútuo**, [10] **aconselhamento partilhado** (de bispos, bispas e outros/as) ~~episcopal~~ **em diálogo** [11], e **conexão histórica com a Sé de Cantuária** [12], **por meio da qual buscam fomentar de forma interdependente** [13] **o mais alto grau de comunhão possível** [14] **entre si**.

**Fazemos** [~~A Conferência faz~~] esta declaração orando e aguardando ansiosamente pelo momento em que as Igrejas da atual Comunhão Anglicana entrarão em comunhão **total** [15] com outras partes da Igreja Católica não definíveis como anglicanas no sentido acima, como um passo em direção à unidade final de toda a cristandade em uma comunhão visivelmente unida.

1. As igrejas-membro da Comunhão estão *devidamente constituídas*, em nível diocesano, provincial e regional, uma vez que estão em conformidade com as estruturas locais e os cânones de forma ordenada e reconhecível. Um sentido secundário da *devida constituição* pode ser observado com referência à lista de membros da Comunhão, de acordo com a Constituição do ACC, Artigo 7.2 (ver §70 do documento).
2. A *comunhão com a Sé de Cantuária* não mais enquadra na descrição, mas é incorporada à terceira lista de características obrigatórias (c), abaixo, em forma alterada (ver §§ 64, 74).
3. As igrejas da Comunhão *buscam* manter e propagar uma fé e uma ordem porque “todos nós” somos chamados a crescer na “unidade da fé” (Ef. 4:13) (§51) e porque as pessoas anglicanas discordam sobre aspectos da fé e ordem unas (§§31-34).
4. A palavra *distinct* (distintas) comunica melhor o argumento em inglês moderno.
5. *Autônomas* é um termo menos técnico do que *particular* e comunica o mesmo sentido (como a Lambeth Conference 1930 reconheceu em sua Resolução 48). *Nacional hoje* é um termo muito limitado, dado o número de igrejas-membro anglicanas (também chamadas de províncias) que são multinacionais.
6. Ver nota anterior (5) sobre as limitações de *nacional* como descritivo.

7. Daqui a 100 anos em nossa estrada ecumênica, a Comunhão Anglicana não deveria mais se sentir obrigada a indicar seu (pouco velado) antipapalismo. A Comunhão também pode se descrever sem declarar o que ela não é.

8. A *mutualidade* adequada da comunhão é levada adiante na sentença e anexada a *serviço* (veja a nota 10, abaixo).

9. Embora as tradições possam variar entre anglicanos e anglicanas, de acordo com o Artigo 34 (§60), as igrejas anglicanas, apesar de suas diferenças e desacordos, *compartilham* uma rica *herança* de fé e ordem católica e apostólica, nutrida pelo orar em comunhão (§§1, 59, 86).

10. O *serviço mútuo* denomina uma característica e um chamado inquestionáveis da obediência cristã em amor, que pode ser prestado livremente sem expectativa de retorno. Nosso Senhor não veio para ser servido, mas para servir. Quando as pessoas anglicanas se veem divididas ou se perguntando se compartilham plenamente tudo o que deveriam, elas podem se comprometer a servir humilde e firmemente às outras pessoas e ao mundo, o que demonstra a devida lealdade do tipo mais profundo: em Cristo (§§24, 27, 35, 48, 56, 60, 86 acima).

11. O *aconselhamento partilhado episcopal em diálogo* é algo básico para a eclesiologia anglicana e está consagrado nas instituições da Lambeth Conference e do *Primates' Meeting*, cujos bispos e bispas têm responsabilidades colegiais e comunitárias para com a fé e a ordem da Comunhão (§§63, 86, 96, 98 acima). Entretanto, desde a fundação do Conselho Consultivo Anglicano em 1968, não faz mais sentido pensar no *aconselhamento* na Comunhão Anglicana como algo exclusivamente episcopal.

12. A Sé de Cantuária é um símbolo do caráter apostólico da Comunhão Anglicana (§86, acima) e continua representando uma herança preciosa e uma pedra angular da unidade anglicana, razão pela qual é se entende — corretamente — que o/a Arcebispo/a de Cantuária é um Instrumento da Comunhão (§78, acima). Entre os Instrumentos, o ministério histórico do Arcebispado de Cantuária deve permanecer como um serviço pessoal e pastoral, exercido dentro do colégio de Primazes e do episcopado coletivo (§78). O caráter irrefutável da conexão com a Cantuária que todas as pessoas anglicanas partilham é vivenciado em inúmeros contextos e relacionamentos. As constituições e os cânones das igrejas da Comunhão são livres para especificar seu próprio compromisso relativo à “comunhão com a Sé de Cantuária”, sem a expectativa de uma afirmação unívoca. Algum grau de latitude é adequado (§79). Ajustando-se às necessidades da Comunhão, o caráter *histórico* da Sé de Cantuária resume as dádivas e as graças do tempo, santificadas pela Encarnação do Verbo na forma de um servo (Fil. 2:6; ver Col. 1:15-20).

13. Todas as quatro características enumeradas na frase devem inspirar as igrejas da Comunhão Anglicana a *buscar fomentar* a comunhão no sentido registrado na Resolução 47 da Lambeth Conference de 1930, intitulada "Unidade entre os anglicanos". A resolução conclamou "todos os membros da Comunhão Anglicana a promoverem a causa da união, *fomentando* e aprofundando de todas as formas possíveis a comunhão da própria Comunhão Anglicana, de modo que, por meio da compreensão e apreciação mútuas, todas as pessoas possam chegar a uma compreensão mais completa da verdade como ela é em Jesus, e mais perfeitamente fazer manifesta ao mundo a unidade do Espírito na e por meio da diversidade de suas dívidas" (grifo nosso). Essa comunhão e companheirismo são *interdependentes* no sentido de uma convocação para “responsabilidade mútua e interdependência no Corpo de Cristo”, um chamado feito pelo Congresso Anglicano de 1963 em Toronto, que anglicanos e anglicanas buscam atender desde então.

14. Buscar *o mais alto grau de comunhão possível* pressupõe que uma comunhão real, ainda que imperfeita, possa ser alcançada entre cristãos e cristãs batizados/as que também divergem – e até mesmo estão divididas (§31, acima). Se as igrejas anglicanas recuperarem a plenitude da comunhão umas com as outras, isso só ocorrerá por meio de uma *busca* conjunta (consulte a nota 3, acima; cf. §§24, 34, 37, 40), capacitada e sustentada pela graça.

15. Em todos os casos, a plena comunhão é o objetivo, fundamentada no dom da unidade em Cristo (cf. §§31, 35, 44, 64 et seqq, 79-80).